



Sal Fora do Saleiro

Caio Fábio



[HTTP://SEMEADORESDAPALAVRA.QUEROUMFORUM.COM](http://semeadoresdapalavra.queroumforum.com)

Capítulo I

O QUE É SER SAL DA TERRA?

"Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens." (Mateus 5:13)

Nos dias de Jesus, todos os grupos religiosos de Israel viviam como sal dentro do saleiro. Alguns deles não mereciam nem ser chamados de sal, porque tinham perdido completamente o sabor. A santidade, existencialmente, começa dentro, no interior do indivíduo, mas tem sua representação na secularidade, no mundo. Os conteúdos cristãos tem que ser colocados de maneira que a sociedade humana os perceba, a fim de que o desejo de Jesus se cumpra; para que, vendo o caráter da Igreja e suas ações, o nome do Pai, que está nos céus, seja glorificado. Isto é ver a reprodução do "jeito" de Deus no mundo, nos Seus filhos que, à semelhança do Pai, são bondosos, generosos, sensíveis para amar e perdoar, humanos, intensamente apaixonados pela obra, comprometidos com a missão, conscientes do seu tempo e da sua hora e da responsabilidade para com Deus e para com o mundo, respondendo a este com o mesmo amor com o qual Deus reage todos os dias, fazendo vir sol sobre maus e bons e chuva sobre justos e injustos:

"(...) porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos." (Mateus 5:45)

Com isso Jesus estava querendo dizer:

"Vivendo assim, afeta-se de tal modo a sociedade humana, constringendo-a de maneira tão profunda, impactando a 'consciência' do planeta, que se força ainda que sem palavras, sem alardes, sem pressões, sem manipulações e sem tirania, o mundo, a despeito da vontade e da consciência deste. Deste modo, força-se o planeta a glorificar o vosso Pai que está nos céus."

No entanto, nos tempos de Jesus, não havia essa visualização de se ter um grupo humano vivendo em nome de Deus as implicações de uma

fé que produzisse no coração da sociedade humana essa resposta de perplexidade, de êxtase diante da verificação da presença de Deus na vida de Seus filhos. Ao contrário, havia grandes grupos religiosos vivendo, cada um a seu modo, uma vida seca, estéril, oca e concomitantemente alienada do planeta, cheios de motivações religiosas e vazios de Deus. E quase sempre as motivações religiosas daqueles grupos os impeliam a uma relação de distanciamento do resto da vida em sociedade, por razões as mais distintas. Havia, por exemplo, o grupo dos essênios, os quais viviam às margens do Mar Morto, afirmando, da maneira mais maniqueísta possível, a divisão entre o bem e o mal no mundo, além de acharem que eram a semente dos filhos da luz do planeta, e que o resto da humanidade estava fadada à condenação e ao juízo. Por isso, o movimento dos essênios foi de retração não apenas física e geográfica, mas de alienação espiritual, mental, quase que total, acerca do que acontecia com o resto da história humana, especialmente com Israel.

Havia também o grupo dos fariseus, os quais não viviam separados, mas que assumiram para si uma "superioridade religiosa", os quais se concebiam como o grupo religioso mais acentuadamente preocupado com as obrigações e realizações dos caprichos divinos na Terra. Caíram num literalismo total relativo à Palavra de Deus. Se Deus dizia:

"Guarda a Palavra na tua cabeça."

Eles amarravam uma caixinha de couro na cabeça com um pedacinho da Lei dentro, e andavam com ela na testa. Se Deus dizia:

"Põe a Minha Palavra no teu braço direito."

Eles amarravam do mesmo modo caixas ao braço contendo porções da Escritura, objetivando dar uma materialidade total e absoluta, numa intenção de cumprir a Palavra de Deus, literalmente. Se se dissesse:

"Põe-na nos umbrais da porta da tua casa."

Eles faziam a mesma coisa. Viviam num literalismo absoluto, no cumprimento da Palavra. O que Jesus denunciava nos fariseus era essa exterioridade sem nenhuma consequência prática, tal como a Palavra que carregavam na testa como fetiche divino, mas que não era trazida no coração, não humanizando a vida, não a tornando mais generosa, mais obediente; não a desafiando a uma proximidade maior de Deus, da Sua Palavra e da necessidade do próximo. Um outro grupo era o formado pelos Zelotes que assim se chamavam porque se achavam os portadores da espada da justiça divina no planeta. Segundo eles próprios, eram cheios de zelo para se fazer justiça, seja ela política ou social. Também se alienavam do resto do mundo, não necessariamente por razões religiosas em função de cerimoniais, liturgias ou pelas mesmas razões do legalismo dos fariseus ou da alienação maniqueísta dos essênios, alienavam-se do resto do mundo pelo simples fato de que eram politicamente obcecados, puristas, detalhistas, cheios de juízo, de preconceitos, dominados pela idéia de construção de uma teocracia na terra, a qual fosse constituída por uma sociedade que preconizasse os valores vividos por eles, exercendo o poder, em nome de Deus. Por isso, eram alienados do resto do planeta, vivendo sua própria causa, suas próprias discussões, alimentados dentro do seu próprio mundinho, fechados para as grandes demandas do resto da sociedade.

Outro grupo contemporâneo de Jesus era o dos saduceus, cuja maioria era formada de sacerdotes, portanto, trabalhando dentro do templo, oficiando, diante de Deus, todos os sacrifícios e todas as cerimônias. E, justamente por esta razão, presos dentro dum claustro litúrgico que não se comunica com as demais dimensões da vida. Surge Jesus, num ambiente religioso como este, e fala não necessariamente para nenhum daqueles grupos específicos, não se dirigindo a uma platéia formada por essênios, fariseus, zelotes e saduceus, mas a uma platéia formada por gente que não tem "pedigree", que não carrega "grifes" religiosas, ou seja, a um grupo formado por pessoas do povo: pescadores, fiscais de impostos, prostitutas sensibilizadas, pais de família curiosos, mães esperançosas, gente simples que vem de todas as partes; gente doente, angustiada, possessa, oprimida; gente sadia, gente alucinada, gente culpada, outras nem tanto; enfim, gente de todo tipo. Jesus olha para aquelas pessoas, vendo a semente de um novo tempo e de uma nova comunidade; vendo nelas o que ninguém mais vê; enxergando nelas um potencial que só Deus consegue vislumbrar na pessoa humana. Jesus olha

para aquelas pessoas, cuja maioria não tinha nome, estirpe, precedidos apenas pelos primeiros discípulos que já naquela hora estavam se transformando em apóstolos; os outros eram uma massa anônima. E Jesus lhes diz, com toda esperança de Deus falando ao homem; com toda a vontade Divina de ver a Sua Palavra Se materializar:

"Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens." (Mateus 5:13)

Quando se observam os outros evangelhos e os movimentos de Jesus, parece que, até aquele momento, não havia ninguém consciente da possibilidade de se viver uma vida tão fantasticamente desafiadora e revolucionária. Ninguém jamais disse isso. Olhar para um grupo de excluídos, de indigentes e dizer-lhes:

"Vós sois o sal da terra".

Em outras palavras, Jesus estava lhes dizendo:

"Vou transformar vocês naquilo que vai dar gosto ao mundo. Vou jogar uma 'pitada' de Deus neste planeta. E conto com vocês para serem esse tempero da graça divina na Terra."

COMO SER O SAL DA TERRA

A questão é: o que é que Jesus estava tentando ensinar com essa mensagem, com essa figura do sal, o qual não existe para estar dentro do saleiro; que não existe para estar protegido, guardado, mas que é sal da terra, e não sal dentro do sal; sendo sal dentro de um contexto totalmente diferente do seu próprio conteúdo de sal. O que Jesus está querendo dizer quando diz aos discípulos:

"Vocês vão viver em meio a diferenças, a coisas que lhes são estranhas. Vou jogá-los dentro de algo que é radicalmente o oposto de

vocês. Vocês não estão no mundo para procurar uniformidade para as suas próprias vidas. Ao contrário, vocês vão viver num ambiente essencialmente avesso a vocês, para que possam alterá-lo."

O que Jesus estava querendo dizer com isso? Pelo menos três coisas. A primeira é acerca da mensagem existencial que nos é trazida por Jesus. Quando Ele diz "Vós sois o sal da terra", Jesus está afirmando um conteúdo existencial extremamente diferente. Ele quer dizer:

"Vocês vão ser o elemento diferenciador deste planeta, dando gosto à Terra."

A Terra a que Ele está-se referindo não é a terra arável e cultivável na qual se pode plantar uma semente; mas a sociedade humana. Segundo Jesus, viver neste mundo não tem sabor, é amargo; a existência é insípida e sem prazer. O que Jesus está dizendo é que a Sua expectativa, quanto à nossa existência no mundo, é a mais prazerosa possível. Ninguém fala de sal, de gosto, de tempero, sem falar de uma existência com sabor, alegria, incitamento, desafio e sem aventura. Quando Jesus nos diz que somos o sal da terra, Ele nos afirma que a nossa vida tem que ser a mais saborosamente fantástica que esse mundo já viu, uma vez que ela tem de ter, no seu cerne, um conteúdo de gosto para o desgosto da terra. Ele nos diz ainda que devemos ser o paladar de Deus nessa terra insípida, sendo o elemento que traz sabor a uma existência inteiramente destituída de sabor. Agora, o que isso tem a ver com o projeto da existência da Igreja no planeta? às vezes, vejo muitos projetos eclesiais existindo para tirar o sabor, estragar o prazer e arruinar a vida. Onde há gosto, nós o tiramos. Onde existe a esperança, passamos a pregar o pessimismo. A segunda coisa que Ele está dizendo quando afirma que somos o sal da terra é que há uma dimensão ética nessa vocação. Se por um lado levamos sabor ao mundo, levando-lhe um conteúdo existencial radicalmente diferente daquele que o mundo tem em si mesmo, por outro lado não somos iguais ao mundo. Aliás, a nossa utilidade, diz Jesus, está em que mantenhamos dentro da Terra, dentro da sociedade humana, enquanto damos sabor e gosto, a diferença. "Vós sois o sal da terra".

Nós somos o sal, a terra é a terra. Quando o sal fica com gosto de terra, tornando-se insípido, vira monturo, não sendo possível diferenciá-lo de um monte qualquer. Para ser sal, tendo sentido e significação, torna-se necessário manter o conteúdo imaculado. Destarte, a diferença não vai ser estabelecida e medida por critérios visíveis, como tamanho de cabelo, o

uso ou não de batom, o porte ou não de jóias, o ter ou não ter... A diferença não é esta. A diferença é ética, a qual se relaciona com as demais dimensões da vida, começando com as de natureza mais privada e indo para aquelas mais públicas. Não se está falando, aqui, de legalismos ou de literalismos; porém da manutenção do espírito de justiça, de verdade, de bondade, que se traduz em comportamento bondoso, que jamais se torna frouxo, e de uma liberalidade humana que jamais se torna libertina, mas que mantém um conteúdo de verdade, a qual não se transforma num "justicismo" executor, mas de uma verdade vivida em amor. Essa dimensão é diferenciadora, a qual se carrega, juntamente com Jesus, para dentro do mundo. Isso não pode ser negociado; isso não pode ser alterado. Só quando se mantém isso é que, mesmo nos vestindo como os outros cidadãos à nossa volta; ainda que fazendo parte de uma mesma comunidade lingüística, portanto, falando uma mesma língua; embora sendo pessoas vivendo uma mesma época que outras, somos radicalmente diferentes da geração da qual fazemos parte. A terceira coisa que Jesus diz quando afirma que somos o sal da terra é algo relativo à natureza social.

A primeira dimensão é existencial (leva-se gosto ao desgosto do planeta) . A segunda dimensão é de natureza ética (é-ser sal na terra, e não da terra; é-ser sal não dentro do saleiro, mas na terra, fazendo-se parte de algo que é totalmente diferente da nossa natureza intrínseca, mantendo a diferença, porém, conservando o conteúdo) . A terceira diferença tem uma dimensão social. Jesus não diz:

"Você é o sal da terra."

Mas:

"Vós sois o sal da terra".

Isso é plural, é comunitário, é coletivo, é social. Não é uma andorinha sozinha trazendo o verão, porém é uma revoada de pássaros esperançosos com uma nova época, com uma nova estação. Não é um cavaleiro solitário com a intenção quixotesca de transformar o mundo, no entanto é alguém inserido numa comunidade de fé, olhando para fora e dizendo:

"Você, eu, nós enfim, vamos viver como o sal da terra."

Isso, portanto, conquanto não iniba nossos sonhos pessoais, nossas potencialidades individuais e nossos desejos mais íntimos, tal dimensão nos compele a rever a nossa vida, a nossa existência e o nosso projeto

peçoal como tendo necessariamente que fazer parte de algo maior do que nós, que é o nosso próximo. Não é uma questão de ser o sal da terra, mas de nós sermos o sal da terra, em nome de Jesus.

METÁFORAS DO SAL

Jesus usou a mesma idéia do sal fora do saleiro, por meio de outros elementos contagiantes, quais sejam: o grão de mostarda e o fermento, elementos que penetram e que atingem outras realidades para além de si mesmos em alguns outros contextos, no Novo Testamento. Vejamos Mateus 13:31-32:

"Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos."

Nesta parábola a do grão de mostarda , Jesus usa uma outra linguagem, uma outra figura, um novo elemento, uma outra metáfora, no entanto trazendo a mesma idéia de que o reino de Deus é contagiante, alterando o que está à sua volta, penetrando nos ambientes e situações exteriores, modificando-os. Interessante neste texto é que há uma dinâmica nele, a qual é de dentro para fora:

"(...) O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda".

O Reino dos Céus é assemelhado a uma semente, a qual é plantada na terra, enterrada, portanto; germinando, sai da terra, vindo de dentro para fora. Ele o Reino dos Céus aparece é do lado de fora, porém vindo de conteúdos essenciais interiores; originando-se do sêmen, da semente, da essência de vida.

O segundo elemento de que Jesus lança mão: o fermento , enfocando a mesma idéia, encontra-se em Mateus 13:33:

"Disse-lhes outra parábola: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado."

Aqui também há uma dinâmica: começa em um ponto, indo para outro, ou seja, de conteúdos afirmados que crescem, impregnando e invadindo outros mundos, outros ambientes.

Parece que ao afirmar imagens desse tipo Jesus está afirmando, sobretudo, um princípio do Reino de Deus, o qual só tem sua eficácia, sua razão de ser se puder manter tal dinâmica que vem de dentro para fora, de um ponto para o outro, ou esta de manter a diferença enquanto está presente, dando gosto onde há desgosto, proporcionando vida onde há morte e desesperança, num processo sucessivo de relações comunitárias impregnadas pela consciência da presença de Deus na vida daqueles que chamam ao Pai de Jesus Cristo de "Meu Pai".

DO LADO DE FORA DO SALEIRO

Jesus viveu os Seus três anos de ministério como sal fora do saleiro. E quando Ele nos diz "(...) Vós sois o sal da terra", Jesus nos está revelando essa dinâmica que consiste em afirmar que, primeiramente, alguma coisa é, e, depois que é, passa a ser efetivamente dentro de um outro conteúdo. Quando vemos os três anos do Seu ministério, constatamos as ações claras de Deus agindo, dando o Seu gosto ao desgosto da vida.

Primeiramente, observamos os cenários da liberdade de Jesus para viver o gosto de Deus no desgosto da terra. Vale dizer que todos esses cenários são contrários, avessos ao confinamento da religião. É na sociedade, e no mundo, onde a vida mais acontece com toda a sua intensidade que Jesus se encontra. É na vida em sociedade que Jesus marca o Seu ponto, fazendo dela o Seu "point". Os "points" dEle não são lugares tidos e consagrados como religiosos. São apenas "points". Um dos lugares mais freqüentados por Jesus conforme lemos nos Evangelhos foi a praia (Mateus 13:3; Marcos 4:1; Lucas 5:3; João 21:4) .

Obviamente que a praia dos tempos de Jesus não se compara com as praias dos dias de hoje, não sendo Jesus um "rato de praia" (embora eu,

particularmente, tenha gostado muito de uma entrevista apresentada pelo Pare & Pense, em que o surfista Jojó de Oliveira, no quadro Atletas de Cristo, sendo entrevistado pelo Alex Dias Ribeiro, lhe disse que Jesus foi o primeiro surfista da terra, porque andou por sobre as águas) . A praia representa um conteúdo de liberdade, de amplitude; uma geografia sem confinamento, livre, sem fronteiras, pela qual as pessoas passam sem impedimentos. Essa é a praia, a beira-mar da Galiléia dos gentios, em Israel. A praia, para Jesus, constitui-se num dos cenários prediletos do Seu mover. Outra expressão freqüente que encontramos nos Evangelhos, com relação a Jesus, é "a caminho" (Mateus 20:17; Marcos 8:27; Lucas 10:38; João 12:12) , mostrando que Ele vive a glória de Deus, o amor pelo Pai, a graça divina e a misericórdia eterna do Criador de todos os seres com a liberdade de quem esbanja tudo isso pelo caminho. Jesus também freqüentava vários banquetes, pois era neles que encontrava os pecadores que precisavam ser salvos: "Então lhe ofereceu Levi um grande banquete em sua casa; e numerosos publicanos e outros estavam com eles à mesa. Os fariseus e seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus, perguntando: Por que comeis e bebeis com os publicanos e pecadores? Respondeu-lhes Jesus: Os sãos não precisam de médico, e, sim, os doentes. Não vim chamar justos, e, sim, pecadores ao arrependimento." (Lucas 5:29-32)

Jesus freqüentava os cenários do dia-a-dia, como o submundo pelo qual Ele também passou. Um bom exemplo disso foi a "entrada" dele na vida dos gadarenos pagãos, criadores de porcos e desprezados pelos judeus. (Marcos 5:1-17) . Jesus pregava em praça pública, no comércio, na casa das pessoas.

Por exemplo, na casa de Zaqueu (Lucas 19:5) , na casa de Jairo (Lucas 8:41) , em casa de fariseu (Lucas 7:36) . Jesus também pregava no campo, local onde Ele faz comparações marotas:

"Olhem! Vocês querem saber como Deus é? Olhem os lírios do campo. Salomão, coitado, era um pobretão diante da riqueza com que Deus veste esses lírios!... A glória de Salomão é pálida diante desses lírios. Olhem para eles. Vejam que extravagância Divina".

É essa mensagem que sai da terra, que sai do campo, que sai da água, que sai da mesa, que sai da montanha, local onde Ele se recolhe, onde Ele ora, onde Ele ensina um grupo menor; lugar onde Ele faz o sol se ofuscar, se ocultar diante do Seu rosto reluzente, quando da transfiguração

(Mateus 17:2) . Em outras palavras, em relação aos cenários do evangelho nos quais Jesus atuou, nós O vemos realizando, na prática, o que João disse acerca da Nova Jerusalém, quando a vislumbrou dizendo que nela encontrou rio cristalino (Apocalipse 22:1) , praça (Apocalipse 21:21) ; no entanto, não foi encontrado ali santuário:

"Nela não vi santuário..." (Apocalipse 21:22a)

Jesus, então, já vive uma "avant-première" da Nova Jerusalém, de modo que aonde Ele vai, a glória de Deus vai junto; Ele vai a um cemitério, a uma tumba e a ressurreição acontece; Ele vai a um casamento e a água transforma-se em vinho; enfim, aonde Ele vai, a glória do Cordeiro está presente. Naqueles três anos do ministério de Jesus, não apenas vemos a atuação de alguém que vive na prática o compromisso de dar gosto ao desgosto do mundo, nos cenários os mais diversificados, mas também a manifestação disso nos relacionamentos construídos por Ele nos evangelhos.

Ser sal da Terra pode significar ser pastor de prostitutas. Ser sal da terra pode significar tornar-se amigo de fiscais corruptos, embora isto não signifique cumplicidade naquilo que praticam, mas, sim, ter um coração aberto para eles, não fechando-lhes a porta. Ser sal da terra significa dar gosto à vida desgostosa dos lamuriantes, dos oprimidos, dos doentes, dos estivadores que carregam cargas pesadas tanto físicas, como emocionais e espirituais, aos quais Jesus diz:

"Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve." (Mateus 11:28-30)

Em outras palavras, Jesus está dizendo:

"Vinde a mim, vós que sois estivadores do diabo. Parem de carregar essa carga, porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve."

Ser sal da terra, nesse contexto, significa ser gente para os desumanizados; significa trazer esperança de Deus àqueles cujos horizontes são limitados. Há pessoas que vivem uma vida tão limitada que não conseguem perceber que um dia nasceram e que um dia vão morrer. O mínimo que um indivíduo pode ter de tirocínio histórico é poder dizer:

"Sei que um dia nasci, e que um dia morrerei."

Mas, há pessoas que nem lembram que nasceram e que um dia vão morrer. Até que vem Jesus invadindo tais vidas, ajudando-as a olhar para trás e dizer:

"Eu nasci para um propósito."

Jesus vem, ajudando-as a olhar para a morte e dizer como o apóstolo Paulo:

"(...) Tragada foi a morte pela vitória." (I Coríntios 15:54b)

De modo que tais pessoas podem dizer:

"Eu não sou eterno, mas tenho vida eterna. Eu não sou eterno, mas estou imortalmente ligado à vida do Senhor Jesus."

Jesus vem ao mundo para se relacionar com pessoas desse tipo: prostitutas, pessoas corruptas e corrompidas, doentes, funcionários públicos, militares, religiosos e irreligiosos.

Para Jesus, "o que cair na rede é peixe". É por isso que Ele conta a parábola que diz:

"O reino de Deus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie." (Mateus 13:47)

Atente para a parte final do versículo: "(...) recolhe peixes de toda espécie." Jesus acaba com o "nazismo religioso", com a seletividade e com a segregação religiosa, recolhendo todos os tipos de pessoas.

"E quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cestos, e os ruins deitam fora. Assim será na consumação do século: Sairão os anjos e separarão os maus dentre os justos".
(Mateus 13:48-49)

Para Jesus, "caiu na rede é peixe".

A terceira coisa que vemos na vida de Jesus nos Seus três anos de ministério, vivendo como sal de Deus, dando gosto ao desgosto do mundo, é a qualidade do conteúdo da Sua mensagem, que era uma mensagem para o lado de fora. Os temas dos discursos de Jesus são os mais corriqueiros possíveis, ou os mais próximos da realidade humana. Dinheiro, por exemplo, é um tema sobre o qual Ele fala bastante, não para pedir, como às vezes se faz hoje em dia, desesperadamente, usando o Seu nome. Todos nós precisamos de dinheiro, não se podendo ser romântico com relação a isso. Todos precisamos de dinheiro para fazer a obra de Deus. Mas o dinheiro não é o objetivo da nossa espiritualidade. Um pastor, certa vez, contou-me sobre uma igreja a qual ele visitou, onde assistiu a um dos espetáculos mais estarrecedores e pavorosos de sua vida. Contou-me ele que uma pessoa, à frente da igreja, dirigia-se às outras dizendo:

"Vocês não querem me dar dinheiro por quê? Vocês acham que eu sou ladrão? Se vocês dão dinheiro para alguém, dêem para mim. Se vocês não dão para mim, acabam dando para outro ladrão. Então, dêem para mim, porque, ao menos, este aqui é ladrão de Deus."

Aquele meu amigo me disse ainda que o pastor daquela igreja conseguiu tirar tudo. Disse ele que primeiramente aquele pastor pediu R\$ 10.000. Ninguém deu. Depois R\$ 5.000.

Ninguém deu. Mas de R\$ 500,00 para baixo, ele conseguiu alguns cheques. E, já ao final, ele pediu:

"Agora, aqueles que só têm o da passagem!"

Um monte de gente levantou-se. E ele disse:

"Então, venham aqui. Dêem, porque se vocês não derem, Deus não vai abençoá-los."

Não era esse o dinheiro sobre o qual Jesus falava. Jesus falava do perigo do dinheiro, ao nos dominar, entrando em nosso coração,

tornando-se o nosso referencial absoluto, o nosso amor, a nossa paixão, tornando-nos escravos dele.

Jesus também mostrou a natureza do dinheiro, a qual é perversa na maioria das vezes, e de como só a graça de Deus coloca o dinheiro numa direção que pode dar glória para Deus. Jesus falou de tudo: de juizes, de tribunais, de viúvas pobres (Marcos 12:43) ; falou de filhos que saem de casa e de outros que ficam aborrecidos dentro dela (Lucas 15:11-32) ; falou de como se constrói uma casa, desde a preparação dos seus alicerces (Mateus 7:24-27) ; falou de receita de cozinha (Mateus 13:33) ; falou de moedinhas perdidas (Lucas 15:8) ; falou de plantação e de como aquilo que é plantado pode ser destruído por outras sementes ruins (Mateus 13:24-30) ; falou de árvores que não dão fruto (Mateus 3:10) ; falou de assaltos em estradas e de como, às vezes, religiosos passam, indiferentes, à tragédia e à dor humana, ao passo que outros que não têm nenhuma confissão de nenhuma religiosidade são os mais solidários (Lucas 10:25-37) ; falou do drama dos trabalhadores (Lucas 10:7b) ; falou de talentos e de recursos que são mal utilizados, guardados ou timidamente enterrados (Mateus 25:24) ; enfim, falou da vida.

Jesus falou pouco de anjos, os quais são mencionados por Ele, na maioria das vezes, num plano escatológico, final.

SALGANDO A TERRA

Olhando para a vida de Jesus, o que devemos fazer?

Olhando para as mensagens que Ele pregou, para os cenários por onde Ele andou, para os relacionamentos que Ele teceu e construiu; olhando para o fato de que nós somos o sal da terra e tendo consciência de que foi Ele Jesus quem mais salgou o planeta, sendo pelo gosto que Ele trouxe a este mundo que vivemos até hoje, senão a vida seria impossível; olhando, enfim, para a Sua vida, como é que nós devemos viver? Primeiro, precisamos rever o cenário da nossa missão.

Comparemos o cenário da nossa missão com o da missão de Jesus. Vivemos, às vezes, uma enorme ironia. Sabe qual é?

Quando chegamos ao mundo, com todas as suas categorias, conteúdos e realidades, em geral, nos aquietamos, nos amordaçamos,

engolindo o discurso já pronto, fazendo o exercício do mimetismo, tornando-nos exatamente iguais, não na aparência, mas no comportamento. Assim, nos dirigimos para esse ambiente protegido, que é o saleiro, que é a igreja, na qual abrimos o peito, "trovejando" a justiça divina, pregando e assumindo a ousadia fantástica de servos do Senhor. Mas, é na igreja que podemos estar quietos, sem a necessidade de estarmos nos afirmando tanto, por estarmos no meio dos nossos irmãos. É o local no qual devemos olhar para dentro de nós mesmos, tratar nossas feridas. Mas o que acontece? Parece que subimos num palco, preocupados com a "performance", com o desempenho, com a teatralidade. Lá fora, no entanto, que é o lugar do encontro, do confronto, de olhar no olho do outro, que é o lugar da verdade, que é o lugar de ser, simplesmente nos embutimos dentro de nós mesmos, sendo dissolvidos no nada. De modo que a nossa missão acaba sendo afirmá-la para aqueles que a conhecem e que não a fazem no cenário onde ela deveria ser feita, ainda que falando dela num lugar onde ela não existe, e falando dela para missionários sem missão, porque no lugar de se fazê-la, voltamos para a igreja, dizendo que temos uma missão que, na verdade, não vivemos. Deste modo, o cenário da missão passa a ser o saleiro, sendo sal dentro do saleiro, sal do sal, luz da luz.

Geralmente, aqueles que vemos do lado de fora com coragem de bradar, são xiitas que estão muito mais para muçulmanos do que para cristãos. São os "guerreiros raivosos", que usam o nome de Jesus. O livro que usam é a Bíblia, não o Corão, mas a espiritualidade deles é muçulmana. Estes não são o sal da terra; são os "megafones" da terra, não havendo neles nada, além de gritaria. O que quero dizer com isso é que não adianta só ir para as praças públicas pregar, cantar, ou então ir para as rádios, TVs, escrever livros, se a mensagem não estiver coerente com a vida e com as atitudes. Vai-se levantar uma bandeira religiosa, mas não se estará sendo sal.

Portanto, devemos comparar os cenários da missão de Jesus com os da nossa. Pensemos nos da dele: à beira mar, a caminho, no banquete, em casa, na vida, no submundo, entre as pessoas. Onde é que andamos falando de Jesus? Será que só quando nos sentimos em maioria? Raramente vejo alguém testemunhando de Jesus, quando esse alguém é minoria.

Segunda coisa é rever os nossos relacionamentos e o tempo que nós investimos neles. Vejamos o tempo que Jesus investia em gente do lado de

fora do saleiro. Eu fico pensando, por exemplo, nos meus relacionamentos. Eu me converti há 22 anos passados e os meus relacionamentos eram todos do lado de fora do saleiro. Eu era terra da terra e pó do pó. Quando Jesus entrou na minha vida, Ele desafiou-me a ser sal da terra. Num primeiro momento, eu vim do mundo para a missão.

Comecei a pregar em todos os lugares. Alguns amigos começaram a dizer sobre mim:

"Ele parece um carro velho; onde para, prega."

Depois dessa primeira fase (do mundo à missão) vem a segunda: da missão ao monastério. Esta se dá quando descobrem que alguém está fazendo missão e convidam esse alguém para ensinar como fazê-la. Com isso vai-se deixando a esquina, a praça, a vida, ficando distante do linguajar do cotidiano, começando a usar uma outra linguagem, ficando-se extremamente sofisticado; o número de pessoas que antes o entendiam diminui a cada dia. No meu caso particular, eu me vi falando a pessoas que gostavam de ouvir sobre missão, as quais sentiam um "cafuné missionário" invadindo o corpo delas todo, ficando tão concentradas no que ouviam, que experimentavam a sensação de que, enquanto eles ouviam, o mundo melhorou só porque pensaram em missão.

Depois veio uma outra etapa: do monastério à missão no mundo. Nunca me senti tanto fazendo missão no mundo como nos últimos 5 anos. Fazendo missão num mundo no qual nem se pode imaginar que se pode fazer missão, até que se começa a perceber que pode haver luz brilhando nele; que um olhar, que um sorriso, que um gesto, as mais insignificantes expressões, a linguagem, o falar e o silenciar estão gerando uma revolução dentro das pessoas. Até que se começa a perceber que elas vão se sensibilizando, vulnerabilizando-se diante de algo que é mais forte do que elas. De forma que elas começam a querer ouvir tais palavras de gosto, começando a dizer:

"Eu não sou evangélico. Para ser franco, eu não gosto de evangélico. Mas, há algo que vocês falam que é fascinante."

Esse algo só pode ser Jesus de Nazaré. Então, começa-se a descobrir o quanto nossa vida pode ser contagiante, provocativa, revolucionária, perturbadora e prazerosamente divina. A segunda coisa, portanto, que devemos fazer é rever os nossos relacionamentos, tendo que reaprender o que é ser gente para uma gente que não sabe o que é ser gente; tendo que

lidar com pagão; tendo que lidar com incrédulo, vendo nele um crente em potencial, em nome de Jesus. às vezes não se dá a mínima importância a um incrédulo. Conforme vou encontrando os incrédulos mais incrédulos deste mundo, cumprimento-os dizendo-lhes:

"Como é que vai meu querido irmão?"

Aí, o sujeito leva aquele susto:

"Mas eu não sou evangélico!..."

"Mas quem está falando de 'evangélico'? Eu estou falando de encontrar Deus, Jesus."

O sujeito já vai ficando sensibilizado, às vezes até atemorizado.

"Não precisa ficar com medo ou preocupado. Eu não vou maltratá-lo."

Com essa postura, começa-se a olhar para as pessoas vendo nelas o que elas podem ser. Como é que você acha que Jesus olhou para Pedro? Pedro não estava pescando, trajando colarinho clerical, nem tampouco mitra sacerdotal. Era um pescador desgrenhado. Jesus olha para ele e diz: "Eu sei o que você pode ser. Eu o farei pescador de homens."

Esse olhar é um olhar prospectivo, vendo apóstolos em pescadores, servas de Deus em prostitutas, escritores em fiscais de rendas:

"Vem cá, Mateus. A partir de hoje você vai deixar de contar dinheiro, para contar a história das histórias. Você vai escrever acerca da Boa Nova."

É assim que Jesus vai vendo, não dando a mínima importância ao que eles eram, chegando a ser ridiculamente simples.

E lá vai Mateus largando caneta, papel, mesa, atropelando todo mundo e dizendo:

"Como é que é?! Eu não sei de nada!"

"Não faz mal, não. Você aprende."

É construindo vínculos inimagináveis, vendo Deus onde ninguém O vê, vislumbrando potencial onde ninguém o enxerga, visualizando gente onde ninguém vê gente, vendo irmão onde só há inimigo.

Terceira coisa que precisamos fazer é rever a nossa mensagem. Não estou me referindo a pastores apenas. A pastores é evidente. Temos que parar de pregar essa "abobrinhada" que temos falado. Nem a mulher agüenta mais ouvir o marido, indo os filhos para a igreja de um outro pastor. Se um pastor quer ver se a mensagem que ele prega tem alguma significação, basta ver como é que esposa e filhos o olham. Temos que rever os temas das nossas mensagens. Há temas dos quais só evangélicos gostam. É necessário que um pastor decida se vai pregar sobre um tema que só evangélico gosta ou sobre um tema que vai impactar o mundo. Para fazer que uma igreja delire. Não é preciso ser ungido, estar cheio do Espírito Santo; basta saber apertar o botão certo, que a igreja vai à loucura. Infelizmente, isso é verdade. Encontro, todos os dias, um bando de salafrários fazendo isso, não acreditando nem na mensagem que eles mesmos estão pregando. Um dia, ouvi uma história de um arquiteto que estava projetando uma igreja. A pedido do pastor, logo na entrada dela haveria uma cruz. Ele também queria que fosse colocado algum dispositivo naquela cruz, a fim de que, quando algumas pessoas a tocassem, sentissem uma espécie de vibração. "É para criar um clima!" justificou-se o pastor.

Vejo também igrejas com determinadas "modas"; uma passa, outra vem. Muita gritaria, muita manifestação fantástica, muita coreografia, muita empolgação na celebração, mas para a Palavra, pouco estudo, pouco compromisso. É imprescindível decidir se se quer falar para agradar a egos adocidos de uma parte dos evangélicos ou se se quer ser sal da terra.

Capítulo II

SENDO SAL FORA DO SALEIRO

"E não aparecendo, havia já alguns dias, nem sol nem estrelas, caindo sobre nós grande tempestade, dissipou-se afinal toda a esperança de salvamento. Havendo todos estado muito tempo sem comer. Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Senhores, na verdade era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda. Mas, já agora vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o

navio. Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; é preciso que compareças perante César, e eis que Deus por sua graça te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo; pois eu confio em Deus, que sucederá do modo por que me foi dito. Porém é necessário que vamos dar a uma ilha." (Atos 27:20-26)

No Capítulo anterior, falou-se acerca do ser sal fora do saleiro, do sal que dá gosto ao desgosto da vida, trazendo-lhe o sabor de Deus à existência. Neste, estaremos abordando comparativamente, duas experiências de relacionamento humano completamente distintas. A primeira, a de Jonas, o profeta, que entra num navio para fugir de Deus e não o consegue, tendo o seu propósito malogrado. A segunda, a de Paulo, o apóstolo, que entra num navio, como prisioneiro, a fim de cumprir a vontade de Deus e o faz a contento, tendo a sua atitude conseqüências extraordinárias. São duas experiências vividas por personagens em contato com sociedades pagãs. Jonas, viajando num navio cosmopolitano, no qual havia pessoas que tinham crenças em deuses os mais diversos (Jonas 1:5) . Paulo também estava viajando num navio cosmopolitano, cercado de presos, com um número de tripulantes e passageiros chegando a 276 pessoas (Atos 27:37) . Tal navio era capitaneado por um centurião romano (Atos 27:1) e com uma tripulação provavelmente grega. O que acontece com esses dois personagens é totalmente diferente, ainda que viajando em navios, e no mesmo mar o Mediterrâneo; apesar de ambos chamarem o mesmo Deus de Deus (Jonas 2:6b; Atos 27:23) ; conquanto façam suas orações para o mesmo Ser espiritual, crido como o Deus único, verdadeiro e eterno. Mas, as respostas que cada um dá a Deus são distintas, pelo simples fato de que as compreensões de cada um deles sobre o mundo, sobre a história, sobre o próximo, sobre as religiões, sobre as culturas e sobre as sociedades humanas eram radicalmente distintas. Então a questão é: por que é que Jonas não consegue salgar o ambiente onde está, ao passo que Paulo consegue contagiar, contaminar com sua vida as pessoas que estavam à sua volta?

Jonas é o sal que não quer salgar; Paulo é o sal que quer salgar a terra inteira. Por quê? Por causa de possuírem teologias diferentes. Jonas tinha uma teologia da segregação, do apartheid, a teologia do "eu-sou-mais-santo-do-que-o-resto-da-sociedade", uma teologia da eleição de Deus que trabalhava contra a inclusão do eleito no mundo, sendo uma eleição

que excluía e que era exclusiva aos eleitos, portanto exclusiva e excludente. Já Paulo, mesmo se concebendo como um eleito para a missão de Deus no planeta, via tal eleição como inclusiva, inserindo-o na graça e na bondade de Deus para o mundo todo. Jonas se imagina alguém que tem a missão de separar os homens. Paulo, porém, se entende como alguém que tem diante de si a missão de destruir muralhas, barreiras, com o propósito de chamar os diferentes a uma só fé em um só Senhor, que é Jesus Cristo. Veja como são importantes as nossas concepções, nossa visão da realidade que nos cerca. Não basta chamar Deus de Pai, não basta dizer que Jesus Cristo é o Senhor; não basta proferir palavras como salvação, redenção e libertação, até porque em si mesmas elas não significam nada. Quando alguém chama Deus de Pai, ele pode estar chamando Deus de pai na mesma perspectiva por meio da qual filhos caprichosos chamam seus pais de pais, ou seja, eles têm uma relação doentamente fechada e confinada com quem chamam de pai, não conseguindo vê-lo e nem a si mesmos como fazendo parte de um relacionamento mais amplo com o resto da comunidade humana. Quando alguém chama Jesus de Senhor, isso não significa muita coisa. às vezes, ouve-se alguém dizer que Jesus é o Senhor, e realmente Jesus é o dono de sua vida. No entanto, ouve-se, às vezes, um outro alguém chamando Jesus de Senhor, todavia com uma significação de ditador, de "Hitler" de sua vida, não vendo a submissão como uma prerrogativa da missão, mas confundindo missão com dominação.

Avaliar as palavras que usamos, como também os conteúdos que elas veiculam, é fundamental, visto que elas refletem e traduzem, de algum modo, a nossa compreensão do mundo e a nossa resposta a Deus e à vida.

SALGANDO OS RELACIONAMENTOS

Outra coisa que deve vir à nossa mente para que entendamos como essas duas pessoas Jonas e Paulo são tão diferentes no meio em que atuam, é a que tem a ver com o resultado da resposta deles aos contextos em que cada um se insere. Ambos estavam num navio, sendo fustigados por uma tempestade avassaladora, cercados de pessoas pagãs, vivendo uma situação imensamente tensa e dramática, no limiar entre a vida e a morte, mas, conquanto tais circunstâncias tenham sido experimentadas por ambos, a reação de cada um deles é diferente diante delas. Jonas tem uma

visão excludente, portanto, que exclui, porque pensa nos ninivitas como inimigos do povo de Deus, declarando guerra àqueles que são politicamente diferentes dele, sucumbindo a um nacionalismo fascista, pensando em si e no povo de Deus como eleitos e separados do contato e do convívio com o resto da sociedade humana. Em virtude dessa visão de mundo, conseqüências trágicas se evidenciam na sua vida. Primeira conseqüência trágica na vida de Jonas se explicita no fato de que ele não conseguia amar os diferentes, só amando os iguais. Se é gente como ele, este consegue amar, porém sucumbindo à reação dos pagãos, aos quais já se referia Jesus, dizendo acerca deles que tratavam bem àqueles que os tratavam bem; tratavam mal aos que os tratavam mal; amavam aos que os amavam; enfim Jesus falava sobre a previsibilidade do pagão: dá-se bem com quem é igual; dá-se mal com quem é diferente.

Jesus, porém, recomendou-nos o contrário, dizendo que deveríamos quebrar a previsibilidade relacional na sociedade:

"Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também o mesmo?" (Mateus 5:43-47)

"Digo-vos, porém, a vós outros que me ouvís: Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; bendizeis aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam. Ao que te bate numa face, oferece-lhe a outra; e ao que tirar a tua capa, deixa-o levar também a túnica; dá a todo o que te pede; e se alguém levar o que é teu, não entres em demanda. Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles." (Lucas 6:27-31)

O próprio Paulo, escrevendo aos cristãos de Roma, advertiu-os quanto a isso:

"Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto,

amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem." (Romanos 12:20-21)

Pagãos e incrédulos são os que se dão bem com os iguais; cristãos amam os diferentes. A segunda conseqüência trágica que acontece na vida de Jonas é que ele queria fazer missão entre aqueles de que gostava, numa espécie de missão da auto-afirmação, a qual não constrói nada, uma vez que é destinada àqueles que são obviamente complacentes ao que lhes está destinando a palavra; é a missão entre aqueles que assimilam um mesmo ponto de vista.

Missão, para Jonas, significava preservação do povo de Israel, não sendo ganhar aqueles que estavam distantes de serem ganhos. Era inconcebível para ele abraçar os ninivitas repudiáveis, os inimigos políticos do povo de Israel. Por isso, Jonas preferiu não ter um futuro a ter um presente com quem ele não gostava, preferindo que sua vida não tivesse futuro algum, e não querendo, sob nenhuma hipótese, viver com quem ele não se dá bem. Jonas, de certo modo, é daquele tipo de gente que diz: "Se no céu vai ter ninivita, eu prefiro ficar no inferno."

Com isso, Jonas se torna amargo, cáustico, hostil, em guerra profunda dentro de si mesmo contra aqueles que acha que são inimigos do povo de Deus. Seu mundo reduz-se a um determinado universo: há pessoas "convertíveis" e pessoas que, mesmo querendo se converter, Jonas não as queria.

"Se eu fizer apelo, e algum ninivita se converter, faço de conta que não vi e termino o culto antes. poderia pensar Jonas. Em contrapartida, veja como a compreensão que Paulo tinha de Deus permitia-lhe ter um significado de missão totalmente diferenciado do de Jonas. Primeiramente, Paulo dizia que preferia se perder a perder aqueles pelos quais Jesus morreu:

"Digo a verdade em Cristo, não minto, testemunhando comigo, no Espírito Santo, a minha própria consciência. (...) porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne." (Romanos 9:1 e 3)

O compromisso de Paulo era tão levado a sério que a sua própria vida poderia ser destruída, aniquilada e arruinada, não querendo, de modo algum, que ninguém por quem Jesus morreu viesse a se perder, não importando se era judeu ou gentio, se era escravo ou livre, se era monoteísta ou politeísta, se era crente ou pagão. Paulo concebia o mundo como feito por Deus, para Deus e que por isso devendo se reconciliar com Deus. Em razão disso, ele fazia de tudo para com todos, para ver se conseguia salvar alguns:

"(...) Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns." (I Coríntios 9:22b)

Em virtude disso, mesmo no fim da vida traído, espoliado, abandonado, sendo "passado para trás" por alguns que diziam ser seus amigos mas não eram, Paulo escreve a segunda carta a Timóteo (Capítulo 4) , onde se vê o "apagar das luzes" de sua vida, mas também se vê a chama viva da fé na sua alma, continuando a sonhar com o mundo que vai ser impactado pela graça de Deus e pelo evangelho de Jesus Cristo:

"Procura vir ter comigo depressa. Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para Tessalônica; Crescente foi para a Galácia, Tito para a Dalmácia. Somente Lucas está comigo. Toma contigo a Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério. (...) Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras. (...) Na minha primeira defesa ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta. Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem; e fui libertado da boca do leão. O Senhor me livrará também de toda obra maligna, e me levará salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém." (II Timóteo: 4:9-11;14;16-18)

Já sabemos porque essas duas pessoas Jonas e Paulo dão respostas tão diferentes à mesma situação; já conhecemos também os resultados de se ter uma teologia adoecida ou de se ter uma construção teológica sadia na mente; como uma empurra para uma exclusividade egoísta, enquanto

outra empurra para uma exclusividade altruísta da graça de Deus que inclui os que estão fora.

SENDO O SAL QUE QUER SALGAR

Agora, o interessante é olhar e fazer algumas comparações entre esses dois homens no episódio da viagem que cada um fez. Vejamos o que acontece com Jonas de um lado, e com Paulo de outro.

A viagem de Jonas mostra a sua postura de sal que não quer salgar. A viagem de Paulo mostra a postura de quem quer salgar tudo. Há 11 comparações que podem ser estabelecidas entre esses dois homens, nas suas respectivas viagens. A primeira comparação pode ser feita com relação à falta de projeto da viagem de Jonas. Chegando em Jope (Jonas 1:3a) , Jonas quer comprar uma passagem. Alguém lhe pergunta:

"Para onde o senhor quer ir?"

"Para o lugar mais distante da terra."

Naqueles dias, o lugar mais distante talvez fosse concebido como "o lugar onde o vento faz a curva" ou "onde Judas perdeu as botas". Esse lugar era Tarsis (Jonas 1:3b) , o lugar mais distante que se conhecia, localizado ao sul da Espanha.

"É para lá que eu vou." dizia Jonas.

"O que o senhor vai fazer lá?" perguntou o bilheteiro.

"Não, ainda não sei." respondeu-lhe Jonas. "Eu só acho que Deus não visita aquele lugar. É por isso que eu vou para lá."

Paulo, no entanto, entra no navio sabendo para onde vai.

"Para onde você vai, Paulo?"

"Não diga nada para eles, não. Mas, os 'bobos' aqui estão me levando direto para César. Aleluia!" poderia ter dito ele.

Quando lhe disseram a respeito dele:

"Prendam-no!"

Paulo exclamou:

"Oba!"

Paulo tinha uma fixação, uma obsessão. Ele sabia para onde ia.

"É para lá que eu estou indo. Vou pregar para César. Esse navio não vai ficar encalhado, porque eu tenho que chegar lá."

Jonas usa sua liberdade para fugir. Paulo, entretanto, usa o fato de estar preso para fazer a vontade de Deus até o fim. Jonas entra no navio e se aliena. Diz-nos a Bíblia que ele foi para o porão do navio, deitou-se e dormiu profundamente (Jonas 1:5b) . Paulo é diferente: entra no navio e se integra. Sabe quantas pessoas viajam com ele, a ponto de precisar o número: 276 pessoas a bordo (Atos 27:37) . Fica amigo do centurião (Atos 27:3) , faz amizade com o piloto, compreende as forças políticas que agem no navio, integrando-se inteiramente ao ambiente. Jonas não ora nunca, nem por ele, nem por ninguém e nem por coisa alguma. Os pagãos estavam durante a tempestade fazendo vigília; todos jejuando (Jonas 1:5a) , só Jonas, porém, olhando contemplativamente toda a situação de desespero à sua volta. Seus companheiros de viagem lhe diziam: "Tu és o único que não oras aqui, 'evangélico!'"

Já Paulo entra no barco e ora por todos (Atos 27:35) , tornando-se o intercessor do navio, dizendo-lhes, no meio da tempestade:

"Mas, já agora vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio. Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; é preciso que compareças perante César, e eis que Deus por sua graça te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo; pois eu confio em Deus, que sucederá do modo por que me foi dito. Porém é necessário que vamos dar a uma ilha." (Atos 27:22-26)

Que coisa maravilhosa era a vida de Paulo! Que diferença radical! Jonas se considera a causa da tragédia. Quando lhe perguntaram o que deveriam fazer para que o mar se acalmasse, ele lhes respondeu:

"(...) Tomai-me, e lançai-me ao mar, e o mar se aquietará; porque eu sei que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade." (Jonas 1:12)

O grande inimigo daquele barco não era o diabo, mas o profeta. Pior do que o diabo é um profeta desobediente.

Eles lhe perguntam:

"O que a gente faz?!"

Ele não diz:

"Tá amarrado!"

Mas diz:

"Amarrem-me e joguem-me no mar, porque eu é que sou o problema, a urucubaca de vocês."

Paulo, porém, vê o vento, as ondas, a tempestade e todos os demais sinais da tragédia e da calamidade, mas não diz que aquilo é por intervenção do diabo, não diz que é por culpa do homem ou do vento, não responsabiliza o centurião, nem o piloto e nem a si mesmo.

"O vento é o vento, a onda é a onda, a natureza é a natureza. Entretanto, apesar disso tudo, não porque eu seja bom, mas em virtude da graça de Deus que me separou para levar o evangelho, não vai cair nem um fio de cabelo da cabeça de ninguém."

Olhando Jonas, vemos a sua desistência da vida:

"Podem jogar-me ao mar. Eu não tenho coragem de me suicidar! Matem-me!"

Paulo é diferente! Lendo Atos 27, nós encontramos um apóstolo apaixonado pela vida, querendo viver, ansiando por chegar à Roma. Paulo quer cumprir cabalmente o seu ministério, querendo olhar para trás e dizer:

"Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé." (II Timóteo 4:7)

Paulo é o ser humano mais vivo daquele barco! É ele quem diz:

"(...) Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também das nossas vidas." (Atos 27:10)

Em outras palavras, Paulo lhes estava dizendo:

"Não devemos ir, porque, se formos, vamos 'quebrar a cara'."

O pessoal foi e "quebrou a cara". Depois Paulo diz:

"Não devíamos ter vindo, mas já que viemos e 'quebramos a cara', levantemos a cabeça! E tem mais: ânimo, porque Deus disse que ninguém vai se perder."

Quando a situação vai ficando insustentável, os marinheiros resolvendo desertar num bote (Atos 27:30-31), ele chama o capitão e diz:

"Se essa mão-de-obra especializada sair do barco, nem anjo ajuda. O anjo do Senhor me disse que nos vai ajudar, mas que era para 'segurar' os marinheiros aqui, porque quem entende de ventos são eles, não é apóstolo."

Paulo é um indivíduo operoso! Ele vê todos trabalhando há muito tempo, desanimados, sem vontade de comer e lhes diz:

"Gente! Se nós não comermos, não teremos forças para remar."

E começa a comer, dando graças e partindo o pão; e todos comem com ele (Atos 27:34-36). É vida que Paulo tem dentro de si; uma vontade enorme de ir adiante que o motiva. Jonas perde o respeito de todos, chegando o próprio capitão do navio a lhe dizer: "Você é doido, homem? Como é você diz que crê num Deus que criou o céu, a terra e o mar, e tenta fugir dele? Nós, pagãos, temos deuses que atuam em áreas específicas. Quando estamos fugindo de um deus que criou a terra, vamos para o mar; quando a gente está fugindo do deus das águas, vamos para a terra. Agora, você diz que crê num Deus que tudo criou, e vem para o meio do mar?! Seria melhor que você amarrasse uma pedra ao pescoço e se suicidasse!"

Jonas recebe uma "aula de teologia" do capitão do navio.

Jonas perde o respeito de todos. Paulo, ao contrário, ganha o respeito de todos. Chega ao barco algemado e acorrentado e, depois de um dia, depois de uma semana, ele se torna o homem mais livre do barco. No fim, os soldados queriam matar a todos os prisioneiros para que estes

não fugissem nadando (Atos 27:42) ; no entanto, o centurião, por amor a Paulo, impediu que isso ocorresse, preservando a vida de todos eles (Atos 27:43) . Paulo ganhou o respeito de todos. Jonas é "vomitado" em Nínive e lá prega com raiva e com rancor, acontecendo o que ele não queria: todos da cidade se convertem (Jonas 3:10) . Paulo chega em Malta, vai-se relacionando com as pessoas do lugar, enchendo-se de amor, chamando as pessoas do lugar pelo nome, entrando na casa delas, comendo com elas, orando por suas doenças, curando suas enfermidades (Atos 28:7-10) , convivendo com elas três meses (Atos 28:11a) , depois dos quais a população da ilha inteira fica abalada com o evangelho de Jesus. Jonas quase "se envenena" de ódio, ao ver a morte de uma planta (Jonas 4:6-9) . A árvore que lhe dava sombra morre e ele entra em crise:

"Que será de mim sem a minha árvore?!"

É a história do amor de Jonas! E por uma árvore!

Dava até um romance: Capítulo I: "Como sentia falta dela sem saber quem era ela"; Capítulo II: "Eis que ela aparece"; Capítulo III: "Me faz sombra"; Capítulo IV: "Ela morre"; Capítulo V: "Eu morro com ela". Este é o amor de Jonas! Um "amor profundo", por uma "causa nobre". Jonas e a árvore.

Ele era o profeta mais ecologicamente desgraçado do planeta.

Paulo chega na ilha de Malta e lá é mordido por uma víbora, não dando a mínima importância a isso (Atos 28:3-5) . Jonas vê uma planta morrer é quer morrer junto com ela; Paulo é picado por uma cobra e diz:

"Sai pra lá!"

Todos ficam admirados:

"E aí, gente! Vamos cantar 'Você tem valor'."

E todos ficam esperando que ele caia morto:

"Ele vai cair... O dedo dele vai inchar... Ele vai ficar roxo... Quando começar a bater palmas, suas mãos vão começar a se desconectar... Ele vai cair morto de repente..." E nada disso acontecia. No entanto, Paulo estava animado, para espanto daqueles que não o conheciam (Atos 28:6) , de modo que começaram a pensar e a dizer:

"É um deus que está entre nós!"

Jonas considera os ninivitas uns bárbaros, não querendo ir pregar-lhes por este motivo. No entanto, veja como Paulo descreve os habitantes da ilha de Malta:

"Os bárbaros trataram-nos com singular humanidade". (Atos 28:2a)

A mente excludente de Jonas o faz olhar o ninivita considerando-o um bárbaro; a mente potencialmente inclusiva e graciosa de Paulo o faz olhar para os bárbaros e dizer acerca deles:

"São todos gente."

Jonas ora pela destruição da cidade, orando para que isso aconteça (Jonas 3:10-4:1-3) . Paulo passa três meses orando pelos doentes da ilha (Atos 28:9-11) , vendo cada um deles, em nome de Jesus, ser curado. Mas, por que dois homens que criam no mesmo Deus agem tão diferentes? Jonas tinha uma teologia política que o afastava do mundo. Paulo tinha uma teologia da compaixão e da graça que o fazia ver o mundo como a sua paróquia, como lugar de Deus no qual a Sua glória seria implantada.

MARCAS DO SAL FORA DO SALEIRO

Se Paulo nos ensina, num navio, como salgar o mundo, nossa pergunta agora deve ser a seguinte: Quais as principais marcas do homem e da mulher que são sal fora do saleiro? O que aprendemos com Paulo, um ser humano que mesmo em meio a tantas circunstâncias adversas, consegue dar gosto ao desgosto de uma viagem miserável? Quais são as grandes marcas de Paulo que eu e você precisamos assimilar? Há oito características na vida de Paulo que devemos guardar, internalizá-las e pensar nelas. São marcas de gente que dá gosto às viagens mais desgostosas da História. A primeira delas é bom senso. Algo que impressiona em Paulo é que ele é um evangelista cheio de bom senso, não fazendo o gênero do evangelista "arrebata e carismaticamente doido". Paulo é cheio do Espírito Santo: vêm doentes, ele os cura; vêm demônios, ele os manda sair; discerne espíritos; prega com unção... Mas ele não é doido. A realidade para Paulo não é negada, não tentando falsear os dados e as informações do mundo concreto, e não sublimando o que existe: o que existe existe; o que é é. Em Atos 27:9-10, ele adverte a respeito dos problemas e perigos que encontrarão durante a viagem:

"Não saíamos deste porto, porque, se o vento nos pegar, vamos nos arrebentar."

O pessoal insiste em ir. Ele diz:

"Não vamos, não!..."

O que um evangélico "tradicionalmente doido" faria no lugar de Paulo? Certamente diria:

"Nós vamos pela fé! O vento está amarrado!... As ondas estão seguras!"

Infelizmente, é isso que acontece. Quanto "mais espiritual" mais sem bom senso. É a espiritualidade suicida.

Mas, temos medo do bom senso, porque houve um "contágio" no nosso meio em termos de se fazer acreditar que a fé genuína é louca. Quando agimos com bom senso, alguém diz:

"Não tem fé."

Se o barco no qual Paulo viajava não fosse ocupado por um centurião romano, soldados romanos, prisioneiros e mais uma tripulação grega, mas se fosse um navio só de evangélicos e Paulo tivesse dito para não irem em razão do vento e da tempestade, certamente o haveriam jogado para fora do barco. Possivelmente argumentariam com Paulo:

"Qual é, irmão?! Você não tem fé, não!... Nós somos filhos do Rei!... Os ventos têm mais é que parar quando passarmos... A causa é nobre... Você não quer ir pregar para César?..."

Fé, na nossa compreensão, virou sinônimo de estupidez.

Porque no nosso meio existe a idéia de que para que alguém realmente tenha fé é necessário autoflagelar-se, tendo um projeto de vida essencialmente suicida, dizendo:

"Vamos para o mar revoltado e o vento e a tempestade que se danem!"

Mas Paulo olha para as adversidades que estão ao seu redor, interpretando-as com profundo bom senso. Ou seja: se vai chover, por que não levar o guarda-chuva? Se vai ventar forte, por que não se abrigar? Se não é prudente sair àquela hora, por que não esperar? Não devemos tentar ao Senhor nosso Deus. Olhemos a vida com bom senso.

Em Atos 27:33-34, nós vemos Paulo com o mesmo bom senso:

"Enquanto amanhecia, Paulo rogava a todos que se alimentassem, dizendo: Hoje é o décimo quarto dia em que, esperando, estais sem comer, nada tendo provado. Eu vos rogo que comais alguma coisa; porque disto depende a vossa segurança; pois nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo."

Em outras palavras, ele está dizendo:

"Comam, porque se não comerem, vocês não terão forças para velejar, nem para nadar, nem para se agarrar a tábuas, tentando o próprio salvamento. Não adianta nem orar. Vocês tem agora é que comer."

A segunda marca de Paulo é a sua positividade nas atitudes. A mente positiva dele impressiona. De um lado um bom senso realista; de outro uma positividade construtiva capaz de reverter catástrofes em situações amenas. Em Atos 27:21b-22, Paulo diz:

"(...) Senhores, na verdade era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda. Mas, já agora vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio."

Ou seja: Paulo lhes está dizendo:

"O que não tem remédio remediado está. Levantem a cabeça!"

No ano de 1995, lá pelo mês de junho, recebi um telefonema de que a Fábrica de Esperança, o maior projeto social da VINDE, estava em chamas. Corri para lá, e, da Avenida Brasil eu via labaredas. Comecei a clamar a Deus por misericórdia... Trabalhando com um maçarico, no conserto de uma estrutura metálica do telhado de um dos galpões, o funcionário ocupado com tal serviço não viu quando uma fagulha passou por entre as frestas da telha, caindo em caixas altamente inflamáveis. Quando lá cheguei, o fogo ainda estava alto, e todos nós, funcionários da Fábrica e moradores da comunidade, auxiliavam os bombeiros a pôr fim no fogo, que por Deus foi debelado.

Alguém, então, perguntou:

"E agora, pastor? Está desanimado?"

"Este caminho é sem volta." respondi. "O fogo que está aqui no nosso coração é muito maior que este, e ainda que tenhamos de começar tudo de novo, nós o faremos, para a glória de Deus."

A tendência humana diante do imprevisto, diante da tribulação e das intempéries da vida é se quedar ao desânimo, ao desespero. Paulo, porém, nos ensina que quem crê no Deus Todo-Poderoso pode crer que do caos Ele irá suscitar salvação e livramento. A terceira marca que percebemos na vida de Paulo é sua sobrenaturalidade.

Isto é: Paulo tem uma mente aberta para o sobrenatural, vendo anjos visitando tempestades. Ele não vê anjos diária e corriqueiramente segurando ventos, mas os vê invadindo as catástrofes do dia-a-dia, trazendo palavra de ânimo e consolação da parte de Deus à vida humana. É o que se pode constatar em Atos 27:23-26:

"Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; é preciso que compareças perante César, e eis que Deus por sua graça te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo; pois eu confio em Deus, que sucederá do modo por que me foi dito. Porém é necessário que vamos dar a uma ilha."

Imaginemos a situação: Paulo, em meio àquela tempestade, reunindo todos e dizendo-lhes:

"Vem cá, gente. Todo mundo aqui. Capitão, ontem à noite, o anjo de Deus, de Quem eu sou e a Quem eu sirvo, esteve comigo aqui neste navio. Ele me disse: -- Ninguém vai se perder. Nem um fio da cabeça de ninguém." Bom senso, positividade e sobrenaturalidade. Vejamos como tais características não são incompatíveis. Há pessoas que acham que para haver sobrenaturalidade precisa haver o aniquilamento do bom senso. Paulo é profundamente racional na análise das coisas, tendo fé quando a fé precisa ser posta em ação como desafio. Antes do mal (a tempestade) chegar, ele usa o bom senso. Se o mal tornou-se inescusável, ele responde a isso com positividade, evocando a intervenção sobrenatural de Deus. Outra marca de Paulo pode ser definida pela palavra "valoridade". O que vem a ser "valoridade"?

Primeiramente, trata-se de um neologismo criado por mim, querendo significar a capacidade de perceber os conteúdos e os valores das coisas. O que é que tem valor? O que é que não tem valor? Vejamos Atos 27:22b:

"(...) porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio."

Para Paulo, o navio era bagatela; o navio, pode-se fazer outro; vida não! É bonita essa característica dele. O mundo percebe quem é que dá valor a vida e quem é que não dá. Se se quiser ganhar o respeito das pessoas, deve-se deixá-las perceber que vida é vida; coisa é coisa.

Paulo se aproxima de seus companheiros de viagem e lhes diz:

"Gente, o navio nós vamos perder; mas todas as vidas serão salvas."

Assim sendo, as pessoas que estavam naquele navio começaram a perceber:

"Esse homem me ama!"

Imaginemos o contrário.

"Deus precisa deste navio."

E começariam as reuniões de oração pelo navio. E todos orando pelo navio, pela vela do navio, pela âncora do navio.

Há igrejas assim, nas quais a vida humana não tem valor algum, mas bens materiais como casa, fazenda, acampamento, templo novo têm proeminência. Gente que pensa assim não tem o respeito nem do diabo. Porém, quando as pessoas, sejam elas ricas, sejam elas pobres, começam a perceber que a igreja está interessada mais nelas do que nas coisas delas, ela começa ganhar respeito e a sua palavra passa a ser ouvida. A quinta marca de Paulo é sua praticabilidade. Em Atos 27:30-32, encontramos essa característica de ser prático em Paulo:

"Procurando os marinheiros fugir do navio e, tendo arriado o bote no mar, a pretexto de que estavam para largar âncoras da proa, disse Paulo ao centurião e aos soldados: Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos."

Então os soldados cortaram os cabos do bote e o deixaram afastar-se."

Paulo, em outras palavras, estava dizendo:

"O saber humano, em alguns momentos, é essencial. O senhor é capitão e entende de guerra. Eu sou apóstolo e entendo as coisas de Deus. Agora, quem entende de navio aqui são os marinheiros."

O fascinante é que Paulo tem a mente cheia da grandeza e da graça da sabedoria de Deus, mas respeita o acervo da sabedoria e da ciência humana dada por Deus às Suas criaturas, feitas à Sua imagem e semelhança. Ele é do tipo de gente que se tiver de contratar uma consultoria para a monitoração de algum empreendimento, ele contrata. Com isso, acaba aquele pensamento infantil e tolo do tipo "eu sou filho do Rei e por isso sei tudo e mais do que todo mundo". Não sejamos "filhos do Rei" burros. Paulo era "filho do Rei" mais do que a maioria dos "filhos do Rei" que conhecemos por aí. Mas ele disse:

"Olha, quem entende de barco aqui são esses pagãos. Mantenham-nos aqui, porque precisamos deles."

Imaginemos um apóstolo dizendo que precisa da ajuda técnica de um pagão. Isso vem a depor contra todas as nossas espiritualidades separatistas.

"Eu sei combater principados e potestades, mas quem sabe combater ondas é marinheiro. Não importa se seja crente ou pagão. A experiência humana é inegável."

Imaginemos o mundo sendo invadido por essa mentalidade de Paulo. As fábricas, as repartições públicas, os escritórios cheios de bom senso, de positividade, de sobrenaturalidade, de "valoridade" e de praticabilidade! Não é possível que alguém que tenha tal maneira de pensar e proceder não seja percebido. A sexta marca de Paulo é sua liderança espiritual natural. Ele não chega se apresentando e dizendo:

"Reverendo Paulo de Tarso, conhecido pelo discernimento espiritual exercido no curso de 37 anos de ministério bem-sucedido e com aproximadamente 2.114 curas realizadas e que já pregou o evangelho para mais seres humanos vivos neste planeta. Ninguém pregou mais do que eu. E mais do que isto: ninguém conhece mais as estradas romanas do que eu."

Paulo não faz isso. A única vez que ele faz isso é escrevendo a segunda carta à Igreja de Corinto, na qual ele mesmo diz que assim o fazia "como por loucura", de modo insensato:

"O que falo, não o falo segundo o Senhor, e, sim, como por loucura, nesta confiança de gloriar-me. E posto que muitos se gloriam segundo a carne, também eu me gloriarei. Porque, sendo vós sensatos, de boamente tolerais os insensatos.

Tolerais quem vos escravize, quem vos devore, quem vos detenha, quem se exalte, quem vos esbofeteie no rosto.

Ingloriamente o confesso, como se fôramos fracos. Mas, naquilo em que qualquer tem ousadia, com insensatez o afirmo, também eu a tenho. São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São da descendência de Abraão? Também eu. São ministros de Cristo? (falo como fora de mim) Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes.

Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas, uma vez apedrejado, em naufrágio três vezes, uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias muitas vezes; em fome e sede, em jejuns muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas." (II Coríntios 11:17-28)

Paulo chega no navio como gente. Não chega pigarreando sua grandeza apostólica. Paulo chega no navio acorrentado, entrando em silêncio, deixando acontecer. Daqui há uns minutos, o primeiro contato com o centurião.

"P", esse preso é da pesada! Gente boa mesmo!" certamente pensou o oficial.

Depois, indo ao convés, conversa com o piloto acerca das gaiotas do mediterrâneo, sobre o azul das águas...

"Que prisioneiro interessante!" poderia também ter pensado o mestre do navio.

Com relação aos demais presos, Paulo não se faz de mais importante, tratando a todos bem. Lucas está junto escrevendo a história, incluindo-se como narrador na narrativa. E, durante a tempestade, Paulo toma a frente, trabalha, anima, exorta, incentiva, ora, agradece... O capitão fica perplexo:

"Esse preso é fantástico mesmo!"

Antes da hora de sair para a viagem, Paulo tinha advertido:

"Não saiam, não, porque vai ser perigoso!..."

Mas, não lhe dão ouvidos:

"Nós vamos, sim!"

E "quebram a cara". Durante a tempestade, ele diz: "

Vocês deviam ter-me ouvido."

Mas, Paulo não assume uma atitude negativa e pedante, dizendo:

"Bem feito! Bem feito! Bem feito! Eu falei!... Eu disse que isso ia acontecer!... Bem feito! Bem feito! Bem feito!"

Ao contrário! Paulo lhes diz:

"Deviam ter-me ouvido, mas já que não o fizeram, ânimo! Não vamos nos desanimar, nem nos desesperar."

E continua:

"Porque um anjo do Senhor, que criou todas as coisas, apareceu-me ontem à noite e disse-me que nenhum fio de cabelo da cabeça de ninguém vai cair."

É a partir daqui que a espiritualidade de Paulo começa a se tornar explícita. Até então foram dias de relacionamento humano, de serviço, de encontro, de conversa, de generosidade no trato. Agora entram em cena orações (Paulo ora a Deus com seus companheiros de viagem para que o dia nasça, a fim de que possam enxergar, e a fim de que o Senhor lhes dê força para remar) . Paulo não pede uma luz sobrenatural provinda da escuridão, mas pede a luz do sol.

Paulo vai exercendo liderança. Quando ninguém quer comer, ele parte o pão, dá graças e diz:

"Comam!"

Quando chegam à ilha de Malta, e Paulo é mordido por uma víbora, ele a sacode no fogo, ficando tranqüilo, crendo na palavra de Jesus que dissera que se alguma coisa mortífera beber, não lhe fará mal; e se pegar em serpente, não lhe morderá. Paulo está ali apostolicamente dizendo com aquele fato que não andava brincando de beber veneno nem com serpentes. Mas que cria na Palavra de Deus e que, embora picado, confiava em Deus e na Sua vontade para com a obra que ele Paulo tinha que realizar naquela ilha e em Roma.

Depois disso, explicita-se mais ainda sua espiritualidade, quando começa a curar pessoas moradoras da ilha. Ora pelo pai de Públio, que estava com uma disenteria horrível.

Cura-o e muitas outras pessoas vêm. Paulo ficou três meses naquela ilha. E até hoje se encontram nela os resíduos, os registros e o filão de uma das comunidades cristãs mais antigas do planeta. Essa é uma maneira de ser sal fora do saleiro, exercendo uma liderança espiritualmente natural, não-artificial, que não é impositiva, tirana, mas que cresce à medida que os fatos a confirmam. A sétima marca na vida de Paulo é a "tratabilidade". É mais um neologismo criado para nomear essa característica de Paulo no tratar bem as pessoas. Vejamos Atos 28:2a: "Os bárbaros trataram-nos com singular humanidade".

Sabe o motivo pelo qual os bárbaros os trataram bem?

Porque primeiramente estes foram bem tratados. Os presos do navio e todos que viajam com Paulo, dentro em pouco estavam gravitando ao seu redor, por uma razão simples: ele sabia tratar bem as pessoas. A Bíblia diz que devemos fazer aos outros aquilo que queremos que os outros nos façam.

"Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles." (Lucas 6:32)

A oitava e última marca da vida de Paulo é sua "evangelicidade", ou seja, é a qualidade daquilo ou daquele que é evangelístico. É extraordinário como tal característica é presente em Paulo! Como a evangelização nele "escorre" para dentro dos veios da vida com naturalidade, conquistando corações, não os dominando pela imposição! No entanto, conquista-os pelo amor gradual, pela imposição dos fatos do

amor. Quando o informam acerca do pai de Públio que está doente, Paulo se solidariza e ora pelo ancião. Quando dizem que há uma multidão de doentes na cidade, ele diz:

"Pode vir, porque vamos orar com amor e com paixão!"

Isto é "evangelicidade". É qualidade evangelística. Não é um programa, um projeto, um método, uma estratégia. É vida de salvação e graça "escorrendo" para dentro do mundo, em nome de Jesus. Concluindo, vimos como Paulo foi sal para salgar aquele navio, aquele contexto de adversidade, de dificuldades, em meio a pessoas diferentes e, muitas vezes, hostis. E nós? Para sermos agentes dessa salvação, nesse navio da vida que está afundando no planeta, precisamos urgentemente dessas oito marcas na nossa vida: bom senso, positividade, sobrenaturalidade, "valoridade", "praticabilidade", liderança natural, "tratabilidade" e "evangelicidade".

Que Deus nos dê compreensão hoje para que queiramos ser esses que dão gosto mesmo estando no navio do desgosto, em nome de Jesus.

Capítulo III

SAL, SIM! FANÁTICO, NÃO!

"E aconteceu que, ao se completarem os dias em que devia ele ser assunto ao céu, manifestou no semblante a intrépida resolução de ir para Jerusalém, e enviou mensageiros que o antecedessem. Indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos para lhe preparar pousada. Mas não o receberam porque o aspecto dele era de quem decisivamente ia para Jerusalém.

Vendo isto, os discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?

Jesus, porém, voltando-se os repreendeu [e disse: Vós não sabeis de que espírito sois]. [Pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las].

E seguiram para outra aldeia." (Lucas 9:51-56)

Tenho estado muito preocupado, ultimamente, com o espírito de fanatismo que tem invadido a igreja evangélica, no Brasil. Nestes 20 anos, também tenho estado muito alegre por ver que a igreja evangélica tem crescido muito e, com isso, que muita gente está encontrando Jesus e, nEle, salvação, libertação, esperança e a possibilidade de uma vida melhor. E esta tem sido a razão da minha vida e missão que Deus me confiou, em função da qual esforço-me e vivo.

Entretanto, angustia-me ver que, algumas vezes, esse crescimento, o qual tem o seu aspecto extraordinário, vem tomando contornos de algo não tão sadio, adocicado, estranho, que se assemelha à enfermidade, à patologia, redundando em evidências explicitamente fanáticas. Estamos vivendo, hoje, no Brasil, um momento no qual precisamos definir o que queremos que aconteça em nossa pátria.

O que queremos que aconteça no nosso país? Como povo de Deus, temos duas opções: a primeira é querer ver o Brasil evangélico; a segunda é ver o Brasil de Jesus. O que queremos? Ver o Brasil evangélico ou ver o Brasil de Jesus? O Brasil pode ser evangélico sem ser de Jesus, como pode também ser de Jesus sem ser evangélico. E pode ser evangélico e ser de Jesus! E pode ser de Jesus e ser evangélico! Isto porque o fato de ser evangélico não significa que será de Jesus; e o fato de ser de Jesus não significa que será evangélico, uma vez que, se tudo aquilo que fosse de Jesus tivesse que ser, necessariamente, evangélico, Jesus só estaria tendo vez na História de 180 anos para cá, quando o Movimento Evangélico tal qual o conhecemos hoje começou a existir. Se, para ser de Jesus, o mundo tivesse que ser protestante, Jesus só estaria agindo e atuando nele de 500 anos para cá, quando da Reforma Protestante. Enfim, Deus tem meios e modos de fazer que a Sua salvação entre no mundo sem, obrigatoriamente, ter que fazê-la evangélica.

A Igreja pode ser de Jesus, e ser evangélica. Não há nada incompatível com isso. Mas, a Igreja pode ser evangélica, e o país no qual está inserida também, sem que ambos sejam de Jesus, porque o fato de ser evangélico religiosamente falando não implica uma relação direta com Jesus e com Seu evangelho. às vezes, desenvolvemos esquemas religiosos que se tornam independentes de Deus e divorciados dEle, existindo como uma cultura autônoma, não tendo mais nada a ver com a origem de todas as coisas, a saber, Deus, o Criador.

Ora, isso aconteceu com o judaísmo, que no início fora a religião de Deus e que acabou sendo, depois de algum tempo, uma religião que, em muitas fases da História, lutou contra Ele. Isso também ocorreu com o movimento farisaico, que no início fora um movimento defensor do zelo pelas coisas de Deus, tornando-se, ao final, o "carro-chefe" que deflagrou a morte histórica de Jesus. Isso se verificou, de igual modo, no cristianismo original dos apóstolos, do Novo Testamento, que, 300 anos depois, foi "constantinianizado", transformando-se num movimento de natureza política com vistas à unificação do Império Romano, em decorrência do que a Igreja se foi paganizando, até que ela mesma criou o momento mais escuro da história da civilização humana (a Idade das Trevas) do ocidente com as Cruzadas e o advento da Santa Inquisição, feitas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, utilizando a cruz e todos os demais elementos sagrados do cristianismo, ainda que o Espírito Santo neles não estivesse presente, nos quais Jesus estivesse ausente e nos quais Deus não Se manifestasse, mas o diabo.

Nós, hoje, estamos vivendo um momento singular, quando vemos a fé espalhando-se pelo Brasil. Aleluia! No entanto, a pergunta que devemos nos fazer, com relação à expansão da fé neste país, é o que queremos que aconteça com o Brasil. Queremos vê-lo apenas tornar-se uma nação evangélica, tendo templos em todos os lugares, vendo a maioria das lideranças políticas confessando-se evangélicas, tendo muitos veículos de comunicação evangélicos, com uma boa parte dos recursos financeiros do país em poder daqueles que se dizem evangélicos, etc?!...

Mas, o Brasil vai continuar o mesmo! Na mesma miséria, com os mesmos casos de corrupção, com a mesma prática política... Talvez, até, pior, pelo fato de não haver mais nenhuma referência evangélica à qual se possa recorrer, não se tendo esperança de alguma coisa alternativa, porque o que era alternativo se acabou tornando em algo associado ao que existe de pior no mundo, que por sua vez passou a usar o nome de Deus para justificar suas ações.

É isso que queremos? Ou queremos um país de Jesus? Um país no qual o coração das pessoas esteja cheio do evangelho de Jesus; no qual os sinais do evangelho estejam presentes sinais de justiça, de verdade, de solidariedade, de generosidade, de bondade, de fé sadia, de prosperidade equilibrada e justa os quais evidenciem que a mão de Deus está abençoando a terra como um todo; sinais de salvação genuína, que desembocam numa transformação da mente, da conduta, da vida, dos

relacionamentos e dos vínculos os mais diversos. É isso que queremos? O que queremos que aconteça ao Brasil? Gostaria em muito de que disséssemos que queremos ver o Brasil se tornar um país de Jesus, vendo o Reino de Deus sobre esta terra, o qual estará sobre nós não quando formos maioria, mas quando esta terra estiver salgada pelo evangelho do Senhor Jesus; quando houver mais sinais de justiça feita em nome de Deus do que de injustiça; quando houver mais sinais do amor de Deus do que de escândalos; quando houver mais manifestação do Espírito Santo do que do poder humano que manipula as coisas. Aí, sim, estaremos "cara a cara" com manifestações do Reino de Deus e do evangelho do Senhor Jesus.

O que isso tudo que foi exposto até o presente momento tem a ver com o texto que abre este Capítulo? Porque tal texto mostra a grande e primeira manifestação de que processos de corrupção, de distorção e de "fanatização" da fé estão mais próximos de nós do que imaginamos. No texto de Lucas 9:51-56 não encontramos a descrição de um episódio do qual Jesus estivesse ausente. Ao contrário! Jesus está presente, andando com Seus discípulos Tiago e João (Lucas 9:54a) , sendo que este último entrou para a história conhecido como o Apóstolo do amor (João 13:23; 19:26) . Mas, estes homens, ainda que andassem com Jesus, vendo a Sua maneira de tratar, de amar e de acolher as pessoas, e o público ao qual Ele Se dirigia e o qual Ele privilegia, que, em geral, era formado por doentes, carentes de amor, desprezados pela vida; estes homens que O tinham visto dar demonstrações cabais e evidentes do Seu amor imenso e misericordioso aos seres humanos; estes homens Tiago e João , todavia, sucumbem à "síndrome do poder". Ao chegarem a uma aldeia de samaritanos, incumbidos por Jesus de Lhe prepararem pousada (Lucas 9:52) uma vez que Ele já estava com uma espécie de "santa obsessão" pelo Calvário, pondo-Se a caminho em direção a Jerusalém, para onde estava indo, nada podendo detê-Lo (Lucas 9:53) , dizendo a Seus discípulos que O antecipassem, indo de cidade em cidade a fim de Lhe prepararem pousada, noite após noite. E, chegando a uma aldeia de samaritanos, os discípulos lhes disseram:

"O nosso Mestre vem vindo aí! Vamos preparar um lugar aqui para Ele descansar."

"Que bom! Tomara que Ele venha" disseram os samaritanos. "Que Ele fique à vontade entre nós."

Entretanto, quando Jesus chega àquele lugar, Ele diz:

"Eu não quero ficar aqui, não! Vou passar à frente."

O texto é claro, uma vez que diz: "(...) no semblante a intrépida resolução de ir para Jerusalém". (Lucas 9:51b)

Os samaritanos se sensibilizaram com isso e usaram de bom senso:

"Que pena! Seria uma honra O termos aqui entre nós! Mas, o que podemos fazer? Ele está querendo ir adiante, deixemo-Lo ir."

Assim, os samaritanos não lançaram mão de nenhum argumento que, de algum modo, pudesse dissuadi-Lo da sua intenção, fazendo-O permanecer entre eles. Simplesmente disseram: "Se o Senhor quer passar, pode passar."

E Jesus passou. No entanto, Tiago e João, frustrados, disseram:

"O que esse pessoal pensa que somos?!"

Os discípulos não iriam dizer para Jesus:

"Mestre, o Senhor quer que façamos vir fogo do céu para consumi-Lo?"

Mas, dirigiram toda a sua frustração para o "mais fraco", para o "herege", para quem não gozava de boa reputação, que era o samaritano.

"(...) Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?" (Lucas 9:54b)

Lá no fundo do coração de Tiago e João havia uma frustração enorme, por terem feito tudo aquilo que Jesus determinara, preparando-Lhe pousada, para, no fim, Ele resolver passar adiante, não considerando do ponto de vista daqueles discípulos o esforço que dispenderam para que Sua passagem pela aldeia de samaritanos fosse a mais agradável possível.

"Alguém vai ter que pagar por isso! Ah, vai sim!" pensaram Tiago e João.

Já que não podem "descontar" em Jesus, eles dizem a Este:

"O Senhor quer que a gente mande descer fogo do céu para consumir esse pessoal?"

Impressiona-me o fato de que esse episódio ocorreu cerca de 2000 anos atrás, com Jesus presente. Imaginemos hoje. Se se tem coragem, na presença de Jesus, de se manipular o nome de Deus e o Seu poder contra alguém ou contra um grupo de quem ou do qual não se gosta, imaginemos nos dias de hoje, sem a Sua presença física! Se nos primórdios da fé e diante de Jesus alguém tem o atrevimento de fazer um pedido como aquele, imaginemos a que a natureza humana pode recorrer quando, num afã de religiosidade, exacerba tal sentimento, acreditando que Deus e o Seu poder estão disponíveis para o atendimento dos nossos caprichos, demandas e frustrações.

Fanatismo não salva, apenas amargura a vida. No texto de Lucas 9:51-56, o que se constata é o sintoma básico essencial para o nascimento de um espírito de fanatismo.

Tiago e João deixam-se dominar pelo espírito de seita, a qual se concebe como um grupo fechado de iluminados, os quais têm uma conexão especial com Deus, usando o poder dEle a seu próprio favor, contra aqueles ou contra aquilo de que não gostam. Há algum tempo atrás, li num jornal de São Paulo uma matéria sobre uma mulher que foi a uma igreja dita evangélica, na qual encontrou um pastor vendendo uma pulseirinha, cujo valor era R\$ 50,00. Tal pastor dizia:

"Quem quiser a bênção de Deus tem que comprar essa pulseirinha para colocar no pulso. É só R\$ 50,00! Quem vai querer a bênção de Deus?"

E uma grande fila se formou na frente do púlpito onde estava aquele pastor vendendo aquela pulseirinha, a qual "traria" a bênção daquela semana. Quem não tivesse aquela pulseirinha não ganharia nenhuma bênção naquela semana.

Aquela mulher egressa da macumba achou estranho aquilo tudo, pois cria em que as coisas de Deus eram de graça. E ficou observando tudo que se passava à sua frente. Ao seu lado, uma senhora desabafava:

"Eu queria tanto essa bênção da semana! Mas eu não tenho R\$ 50,00... Só R\$ 5,00!... Será que ele me vende a pulseirinha por R\$ 5,00, só para eu levar essa bênção?"

Ela disse:

"Vai lá! Ele é pastor. Tem que ter um pouquinho de compaixão, né!"

"Só se você for comigo!" a senhora lhe falou.

E para lá foram as duas. Chegando lá, aquela senhora disse:

"Pastor, eu quero levar a bênção da semana... Mas, eu não tenho R\$ 50,00. Eu só tenho R\$ 5,00."

O pastor imediatamente lhe respondeu:

"Olha, minha filha! Traz mais R\$ 45,00 que a bênção é sua.

Deixa os R\$ 5,00 e traz mais R\$ 45,00."

"Mas, pastor, eu não tenho mais! Eu só tenho R\$ 5,00." Ela disse.
"Sem mais R\$ 45,00 não leva!" Afirmou o pastor.

Então aquela mulher oriunda da macumba, e que estava se aproximando da fé dirige-se àquele pastor, dizendo:

"Não é possível, pastor! As bênçãos de Deus são de graça. Ninguém compra nada dEle. Deus é misericordioso! Nós damos a Ele por gratidão. Nós não compramos nada dEle."

O pastor lhe respondeu incisivamente:

"Aqui, não! Ou compra, ou não leva!"

"Não é possível! Então, isso aqui não é de Deus." Ela argumentou.

Ao terminar de dizer isso conforme o relato dessa mulher naquele jornal ela levou uma pernada que a derrubou no chão.

Depois disso, ouviu alguém dizer:

"Chutem!"

Ela disse ainda que além dos inúmeros chutes que lhe deram, agarraram-na pelos cabelos, levantando-a do chão para lhe darem socos no rosto, no estômago, nas costas... Isso tudo durou meia-hora, segundo ela. Durante a "sessão" de espancamento, alguém disse:

"Ela está possessa pelo demônio!" Ela, porém, dizia:

"Não! Eu estou falando em nome de Deus!"

E apanhou, apanhou, até que se calou de tanto apanhar.

Ela foi embora para casa toda arrebetada. De casa, levaram-na para o hospital e depois para a delegacia. O que é que faz que tais coisas aconteçam? Naquele mesmo jornal li uma reportagem intitulada "O dia em que quase queimei na fogueira", escrita por um jornalista que visitou uma igreja também dita evangélica, escondido, fazendo uma matéria, encontrando material farto para o seu trabalho. Esquisitices de todo tipo, com manifestações de manipulação e coação coletiva. E ele olhando tudo aquilo. De repente, ele resolveu anotar algumas "frases" que eram faladas, alguns jargões que eram proferidos. Mas, ele pensou:

"Se eu anotar qualquer coisa aqui, vão desconfiar de mim."

Até que num determinado momento do culto, as pessoas foram convidadas a escrever num papel algum problema que queriam ver solucionado ou algum pedido que queriam fazer e levá-lo à frente para oração tal como ocorre em muitas igrejas evangélicas não havendo nada de errado nessa atitude. Aproveitando que todos estavam escrevendo, começou a fazer algumas anotações. Mas, ele devia ter muita cara de repórter ou devia escrever como tal conforme seu próprio relato. Porque, de repente, ele só sentiu um safanão por trás, na cabeça.

"Praft!"

E mais outro:

"Praft!"

Alguém começou a gritar:

"Há um traidor em nosso meio! O que é que a gente faz com traidor?!"

E, alucinada e freneticamente, as pessoas começaram a gritar:

"Queima! Queima! Queima! Queima! Queima!"

As pessoas se dirigiram para onde ele estava, marchando como soldados, até que o agarraram pelos cabelos, começaram-lhe a bater no rosto e a empurrá-lo para todos os lados. Ele pensou, desesperado:

"Vou morrer aqui dentro!"

Olhando para o seu lado, vislumbrou alguém que lhe pareceu o mais lúcido dentre a multidão frenética que o cercava e o espancava, ao qual lhe disse, entre socos e empurrões:

"Por favor, pelo amor de Deus, me ajuda!"

Então, aquele homem, entrou no meio da roda e disse:

"Calma! Calma! Vem, que eu lhe dou proteção."

Tal homem conseguiu tirá-lo daquele templo e, chegando do lado de fora, deu-lhe uma sacudida e disse-lhe:

"Dessa vez eu o salvei. Mas, não volta mais, não... porque você está lidando com gente poderosa!"

Um amigo pastor certa vez estava me dizendo que, em visita a uma igreja, o pastor pediu uma garrafa de vinho. E, pegando-a, quebrou-a no canto do altar, ficando com o gargalo à mostra. E, dirigindo-se às pessoas que assistiam ao culto disse:

"Quem aqui é cabra de ferro, valente, cheio de fé em Deus?... Que venha até aqui à frente, para que eu dê com a garrafa na cabeça... vou tirar o seu sangue aqui na frente... vou tirar os seus miolos... Vem! Vem, em nome de Jesus, vem!"

Disse-me o meu amigo que o tal pastor chegava a dizer:

"Eu quero ser do diabo, se eu não fizer isso com você."

E repetiu isso três vezes. Um rapaz atendeu ao pedido do pastor, indo até à frente. Mas, ao chegar lá, o pastor lhe disse:

"Você não serve! Você estava aqui ontem, e por isso já conhece a minha encenação. Você não serve, não. Volta! Quero alguém que não conheça a minha encenação."

Não foi ninguém. E ele insistia:

"Vem quem tem fé! Vem! Vem!"

Ninguém foi. Ele, então, disse:

"Viram? Ninguém tem fé! Se eu estivesse oferecendo um Mercedes ou um apartamento na praia, todos vocês viriam. Mas como o que lhes ofereci era uma garrafada na cabeça ninguém veio. É por isso que Deus não pode dar nada a vocês. Se você quiser receber alguma coisa de Deus, você tem que ser capaz de fazer coisas loucas." E arrematou:

"Quem aqui quer fazer um negócio de 100 mil reais?"

Várias pessoas levantaram as mãos:

"Então, dêem-me um cheque de 10 mil reais."

E, não conseguindo ninguém que lhe desse cheque de 10, 5 ou 1 mil, conseguiu três otários que lhe deram, cada um, um cheque de R\$ 500,00, porque perguntou quem queria fazer um negócio de 5 mil dólares, ao que três pessoas responderam levantando as mãos. Por que um salafário desse tipo consegue "limpar" o bolso do outro? O que isso tem a ver com o evangelho de Jesus? Angustia-me perceber que muito daquilo que chamamos de evangélico, no país, é assim. E se essa tendência se desenvolver e prevalecer no Brasil, vamos ter um país evangélico, mas sem nada do evangelho, correndo o risco de vivermos num país de fanáticos, que não vão salgar a terra, porém, apenas, amargá-la. Fanáticos não salgam a terra porque não amam a vida e não querem um mundo melhor; fanáticos só querem o mundo para si mesmos. O fanático não ama o mundo; quer apenas dominá-lo. Esse é o espírito do fanatismo.

CARACTERÍSTICAS DO FANATISMO

Quando lemos o texto de Lucas 9:51-56, percebemos nas entrelinhas quatro coisas que se relacionam com o espírito de fanatismo, que chama fogo do céu, que quer destruir os outros, perdendo o amor pela vida, com o único propósito de dominar o mundo. O fanático pode até dominar o mundo, mas não salga a vida, melhorando-a. Por quê? Primeiro, porque, para o fanático, sua missão é mais importante do que o propósito dela. O fanático entende que mais importante do que o propósito pelo qual foi enviado é fazer acontecer aquilo que ele quer que aconteça. Tiago e João foram enviados para prepararem pousada para Jesus, não importando se Ele queria ou não ficar na cidade. No entanto, Jesus "frustra" as expectativas dos dois discípulos, não se detendo na aldeia de samaritanos, mas indo adiante. Para Tiago e João, mais importante do que o que foram fazer (preparar pousada para Jesus) era acontecer o que eles queriam que acontecesse (que Jesus permanecesse na aldeia) .

A missão deles ("lhe preparar pousada") tornou-se mais importante do que o propósito dela ("a intrépida resolução de ir para Jerusalém") . Mais importante do que criar espaço para Jesus escolher o que queria fazer (ficar ou não na aldeia) , era que acontecesse o que eles tinham

determinado que iria acontecer (que Jesus ficasse na aldeia) , afinal se sentiam "donos" dos propósitos divinos.

Segundo, porque, para o fanático, toda posição diferente da dele é vista como inimiga. Vejamos a parte b do verso 54:

"(...) Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?"

Qual era o objetivo final dessa "churrascada carismática"? Consumir. Extinguir. Matar. Que coisa terrível, quando o fanatismo entra no nosso coração, de modo a conceber toda posição diferente da nossa como inimiga!

O samaritano apenas diz:

"Se Jesus quiser ficar, Ele fica; se Ele quiser ir adiante, que Ele vá. Nós O iremos deixar à vontade."

Mas Tiago e João queriam que Jesus ficasse, e queriam que os samaritanos O forçassem a permanecer naquela aldeia.

O fanatismo não tolera nenhuma expressão de liberalidade, não convivendo com coisa alguma que não seja absolutamente rígida e fixa; não concebendo nenhum caminho que não seja reto; não imaginando nenhuma possibilidade para vida a não ser a pré-determinada. E qualquer um que seja diferente é considerado inimigo, o qual deve ser consumido, aniquilado, eliminado, destruído totalmente.

Terceiro, porque, para o fanático, o poder de Deus é uma energia divorciada do Seu caráter. O poder de Deus é concebido apenas como um poder, que pode ser usado tanto para o bem como para o mal. Certa vez, conversei com algumas pessoas que me contaram uma história acerca de gente que evocava o nome de Deus tanto para abençoar quanto para amaldiçoar, em nome de Jesus. Como o espírito da fé cristã pode ser percebido em atitudes como essa? Como que o caráter e o amor de Deus podem se refletir em práticas assim? Qual a relação disso com Jesus? Isso se relaciona com o diabo, porque a Palavra de Deus nos diz: "(...) abençoai, e não amaldiçoeis." (Romanos 12:14b)

Dizendo-nos ainda:

"Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes, não pagando mal por mal, ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança." (II Pedro 3:8-9)

Porque Deus quer salvar a todos os homens, "(...) querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento." (II Pedro 3:9b)

A Palavra de Deus nos exorta a não termos esse espírito revanchista e vingativo que caracteriza o fanático. Deus quer que vencamos o mal com o bem:

"(...) não vos vingueis a vós mesmos, amados (...) Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem." (Romanos 12:19a,20-21)

Para o fanático não é assim. Tiago e João haviam se esquecido do caráter de Deus, esquecendo quem era Jesus, O qual se tornara secundário. O importante, naquele momento, era usar o poder. Esse é o mesmo espírito que se encontra na macumba, na bruxaria, na feitiçaria, práticas que não têm nada a ver com o Espírito de Deus, porque aqueles que O conhecem sabem que o Seu poder não é liberado mecanicamente, não sendo uma energia divorciada do caráter de Deus. Energias espirituais que não procedem de caráter são as dos deuses malignos do mundo espiritual, que ora dizem que farão o bem, que ora dizem que farão o mal, dependendo da "negociata" que se faça com eles. Mas o Deus dos deuses é Justo, Bom e Santo, e o Seu caráter não se deixa manipular por nenhum tipo de mecanicismo espiritual.

Quarto, porque, para o fanático, Deus é capaz de justificar a perversidade, acumpliciando-Se com ele.

Admira-me muito a pergunta dos discípulos:

"(...) Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?"

Tal pergunta é de um desprante desgraçado! Olhar para Jesus e dizer:

"O Senhor quer que fulminemos esse pessoal todo aqui?"

Eles haviam esquecido que Jesus já tinha passado por lá e oferecido a água da vida à mulher samaritana (João 4:4-42) ; que Ele já havia permanecido ali durante dois dias (João 4:40) ; que Ele já havia pregado para todos os homens e para todas as mulheres daquela aldeia (João 4:28,29, 39-42) ; que Ele já havia dito que o herói da gratidão humana fora um samaritano leproso que voltara atrás para agradecer a cura recebida, enquanto os demais se esqueceram de fazê-lo (Lucas 17:11-18) ; que Ele havia dito que o exemplo do amor fraternal fora um samaritano que foi capaz de parar a sua mula a fim de levantar um que fora vítima de um assalto no caminho entre Jerusalém e Jericó, e levá-lo para uma hospedaria, tratando dele, cuidando de sua recuperação (Lucas 10:30-37) ; enfim, eles haviam esquecido quem era Jesus. Não foi à toa que Jesus lhes disse:

"(...) Vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las." (Lucas 9:55b-56)

APENAS SAL

Como podemos ser salvos dos processos de "fanatização" que tiram de nós o sabor da graça de Deus? Em primeiro lugar, é preciso ter consciência de que todos estamos sujeitos àqueles processos. Começa, às vezes, quando começamos a olhar para um pastor de modo tão alucinado que somos capazes de repetir até suas palavras tolas, se ele assim quiser que façamos. É por isso que Pedro diz que os pastores nunca devem ser os dominadores do rebanho, mas aqueles que o conquistam pelo bom senso, pela moderação e pela vida que se impõe em amor e em dignidade, não sendo um tirano:

"(...) Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho." (I Pedro 5:2-3)

A Bíblia não advoga a tirania pastoral, porque esta sempre está por trás dos processos de "fanatização". A Palavra de Deus também repudia a anarquia espiritual das pessoas que ficam todo o tempo questionando um guia espiritual:

"Obedecei aos vossos guias, e sede submissos para com eles; pois velam por vossas almas, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros." (Hebreus 13:17)

É nesse equilíbrio que devemos pautar a nossa caminhada neste mundo: pastores não querendo tyrannizar e crentes não querendo anarquizar. Só assim encontramos equilíbrio, verificando bondade em pastores que apascentam seus rebanhos com graça, e encontrando crentes que não vivem para questionar a todo o tempo a vida de seus líderes, aceitando a ministração do pastoreio equilibradamente. A primeira coisa que nos coloca no caminho da "fanatização" é a hipertrofia espiritual do nosso ego, quando entramos num processo de auto-exaltação, o qual não nos permite entender que somos especiais porque a graça de Deus assim nos tornou especiais, mas que somos especiais porque somos especiais, fazendo-nos acreditar ainda que recebemos uma revelação de Deus que só nós possuímos, uma graça que nos foi dada e a mais ninguém, um poder que nos foi concedido e que não foi dado a ninguém. Quando enveredamos por esse caminho, cuidado! Porque podemos até chamar fogo do céu para queimar os outros. Se não pudermos dar explicações e motivações explicitamente bíblicas para as nossas próprias ações, é bom que tenhamos cuidado. Em segundo lugar, é preciso saber que é uma enorme responsabilidade falar em nome de Deus e invocar o Seu poder. Tomemos cuidado ao sairmos falando "a torto e a direito" que Deus nos revelou alguma coisa. às vezes ouço pessoas que não têm argumento, advogando uma causa "burra", e que usam o nome de Deus numa discussão, dizendo:

"Mas Deus me falou!"

Diante disso, como contra-argumentar? Se foi Deus quem falou! Geralmente quando alguém vem com essa conversa para cima de mim, se

é novo na fé, eu passo a mão sobre sua cabeça, dou-lhe um beijo na testa, faço uma oração silenciosa a Deus, pedindo:

"Dá uma graça a esse amado!"

Porém, se se trata de um "casca grossa", de alguém com alguma vivência e experiência no evangelho, eu digo:

"Então, o Deus que lhe falou isso tem que ser mais inteligente do que eu. Usa o argumento que Ele lhe deu para provar que eu estou errado. Porque, se foi Deus quem lhe falou, Ele lhe deu um argumento muito bom. Porque se eu venço o seu Deus com a minha argumentação, o seu Deus não lhe disse nada. Diga-me aí: o que foi que Ele lhe disse, onde isso está na Bíblia, qual o sentido disso em conformidade com o caráter de Deus revelado nas Escrituras? Caso contrário, você pode me dizer um milhão de vezes que Deus lhe falou, e eu vou lhe dizer que é mentira sua, porque você não tem como provar aquilo que defende.

O fanático age assim, querendo que as coisas que faz em nome de Jesus aconteçam, não admitindo o contrário, porque, se tomam outro rumo, ele diz:

"Ou elas são do jeito que eu quero que sejam, ou então vou chamar 'fogo do céu' para consumir tudo isso aqui!"

Tiago e João agiram assim. Por não terem argumento, foi isso que eles propuseram a Jesus:

"(...) Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?"

Se perguntassem aos samaritanos, estes lhes responderiam:

"Olha, nós O queremos receber da melhor maneira possível, mas se Ele não quer ficar, deixemo-Lo ir."

Se perguntassem a Jesus, Ele iria dizer-lhes:

"Muito obrigado por tudo que vocês fizeram de muito bom grado aqui, tanto a vocês, Tiago e João, quanto a vocês outros, samaritanos. Muito obrigado mesmo! Que Deus os abençoe muito! Mas, Eu não posso ficar. Estou indo para Jerusalém."

Em terceiro lugar, é preciso saber qual é o genuíno espírito do evangelho. Por isso, eu, particularmente, recomendo a todos que leiam menos os meus livros, e os de todo mundo, e que leiam mais a Bíblia. A

Bíblia nunca foi o livro tão vendido como o é atualmente, embora tão pouco lido. Ela fica mais é "ensaboando" as axilas de muitos evangélicos, que a conduzem de casa para a igreja e da igreja para casa, sem conhecerem nada dela, só servindo, às vezes, para dar pancada na cabeça de possesso (Acho até que é por esta razão que se vendem muito esses modelos grandes!).

Algo que me chama muito a atenção é que, pelo menos, 70% do que se vê sendo feito em nome de Jesus não têm nada a ver com Ele nem com o Seu evangelho. Não foi à toa que Jesus disse aos dois discípulos "(...) Vós não sabeis de que espírito sois":

"Não se esqueçam de que vocês são Meus discípulos" — disse Jesus. — "Será que nesses 3 anos vocês não conheceram nada de Mim?!"

Sendo assim, perguntemo-nos, diariamente, diante das nossas atitudes:

"Será que o espírito do evangelho está em mim?"

Porque todos nós corremos o risco de esquecer o evangelho, seguindo não mais o perfil de Jesus Cristo, mas assimilando o perfil de lideranças, as quais só devem ser imitadas quando por sua vez estão imitando a Cristo. Seja quem for! Se não estiver imitando a Cristo, cuidado!

Concluindo. No episódio do naufrágio de Paulo, este só pôde salgar o navio porque ele não era um fanático religioso.

Lucas que é quem escreve o livro dos Atos dos Apóstolos também não o era. Isso se verifica na observação que faz relativa ao capitão do navio no qual estavam embarcados:

"(...) tratando Paulo com humanidade..." (Atos 27:3a)

O capitão do navio não era "crente", no entanto Lucas reconhece nele gestos de bondade, os quais podem ser demonstrados por qualquer tipo de pessoa. Se fosse um fanático, Lucas jamais faria tal observação. Porque, para o fanático, o diferente é concebido como inimigo. Fanatismo é sinônimo de estupidez. Temos que acabar com essa idéia de que bondade é um privilégio de crente. Às vezes, é o contrário que se verifica. Há pessoas aí que não sabem nada de evangelho, mas que é melhor como ser humano do que muita gente que anda com a Bíblia debaixo do braço.

Lucas diz:

"O capitão do navio não é crente, mas tratou a Paulo com humanidade."

Só um crente que não é fanático é capaz de observar isso. Lucas diz a Paulo:

"Viu como o capitão é gente boa?!"

"É mesmo! – responde Paulo. – "Dá até para tomar cafezinho com ele!..."

"É, dá!"

Era porque Paulo e Lucas não eram fanáticos que todas aquelas coisas puderam acontecer naquele navio. É por não ser fanático que Paulo usou o bom senso. É por não ser fanático que Paulo é positivo na hora certa, dizendo:

"Olha, gente! Não devíamos ter vindo, mas, já que estamos aqui, levantemos a cabeça!"

É por não ser fanático que Paulo é capaz de dizer:

"Agora não é hora de jejuar; é hora de comer!"

É por não ser fanático que Paulo quer lançar mão de todos os recursos do navio:

"Os marinheiros têm que ficar aqui, pois são eles que entendem de navio e de mar."

Se fosse fanático, Paulo diria:

"Deixem essa cambada de medrosos ir embora! Nós não precisamos deles aqui."

É por não ser fanático que Paulo é um ser tolerante, uma pessoa fácil de se lidar. É por não ser fanático que Paulo reconhece que os bárbaros de Malta o tratam com singular humanidade. É por não ser fanático que, quando dizem que ele é um deus, lá em Malta, Paulo não toma nenhuma das atitudes típicas de um fanático, quais sejam: a primeira é dizer que não é Deus, mas que mantém uma profunda e especial relação com Ele. A segunda é dizer que é. Paulo não toma nenhuma dessas atitudes. Ele pensa:

"Coitados! Estão imaginando que eu seja um deus! Mas eu vou falar para eles quem é o único e verdadeiro Deus." Não esqueço o que o Rev. Antônio Elias que é uma pessoa, que, juntamente com o meu pai, mais contribuiu para a minha formação espiritual disse-me um dia, há 22 anos atrás, quando percebeu que eu estava cheio de amor por Jesus, jejuando quase 5 dias ininterruptos, sem beber água, vivendo uma paixão desenfreada por Ele:

"Meu filho, continue assim, sobretudo porque eu estou vendo que você está conseguindo amar a Jesus sem ser fanático. Ama a Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com toda a sua força. Mas não esquece de amá-Lo com o seu entendimento."

Depois, disse-me ainda, após levantarmos de um momento longo de oração, dando-me um abraço:

"Eu espero nunca vê-lo fanático. Mas espero vê-lo, durante toda a sua vida, um apaixonado por Jesus."

Naquele dia, eu entendi que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Se queremos ganhar o Brasil para os evangélicos, então vale tudo. Até pregar um outro evangelho, desde que funcione. Mas, se queremos ganhar o Brasil para Jesus, então só vale pregar o evangelho de Jesus, mesmo que se vá um pouco mais devagar, mas que vá, salgando a terra, em nome de Jesus.

Capítulo IV

SAL NA FONTE

"Os homens da cidade disseram a Eliseu: Eis que é bem situada esta cidade, como vê o meu Senhor, porém as águas são más, e a terra é estéril. Ele disse: Trazei-me um prato novo, e ponde nele sal. E lho trouxeram. Então saiu ele ao manancial das águas, e deitou sal nele; e disse: Assim diz o Senhor: Tornei saudáveis a estas águas; já não procederá daí morte nem esterilidade. Ficaram, pois, saudáveis aquelas águas até ao dia de hoje, segundo a palavra que Eliseu havia dito." (II Reis 2:19-22)

A história narrada acima, que teve a sua realização efetiva e prática nos dias de Eliseu, não é em si nem uma metáfora, nem uma parábola; é um milagre real concreto. A Palavra de Deus nos dá conta de que, após o arrebatamento de Elias (II Reis 2:11) , a partir do que Eliseu assume a liderança espiritual e profética daquela geração, o que ocorre é que este estabelece sua "base de operações" nas imediações de Jericó, para onde os homens daquela cidade se dirigem à sua procura, dizendo-lhe:

"A terra é boa, a cidade é bem situada e plana, sendo estrategicamente perfeita, tendo ainda palmeiras, oásis e um deserto a nos cercar. A vida aqui seria possível, não fosse o fato de as águas daqui serem venenosas, amargas, intragáveis... Seu manancial gera morte, não vida. Nem sequer podemos usá-las para regar as plantações, porque está contaminada de elementos tão nocivos, que ela mesma vai esterilizando tudo que molha. Deste modo, é um grande prejuízo termos a cidade que temos, ter construído tudo que construímos, além de toda ambiência que favorece à vida, porém tendo essas fontes de água que não nos servem para nada, ainda prejudicando a própria integridade da terra, uma vez que se tornam estéreis todos os ambientes pelos quais passa tais águas."

Ao fim da exposição desse problema, durante a qual Eliseu ficou pensando, ele lhes diz:

"Tragam-me um prato novo, pondo nele sal."

Trazem-lhe o prato com sal. Eliseu apanha-o, vai até as fontes das águas (imagine a cidade inteira indo com ele: as mulheres, as crianças, os homens, os jovens e adolescentes, os velhos) . E para lá vai Eliseu se dirigindo numa espécie de ritual de fé, andando até as fontes de água. Chegando lá, olhando para o céu, depois olhando para o povo, Eliseu diz:

"(...) Assim diz o Senhor: Tornei saudáveis a estas águas; já não procederá daí morte nem esterilidade." (II Reis 2:21)

Ele joga o sal no manancial das águas. O registro bíblico feito anos e anos depois diz:

"Ficaram, pois, saudáveis aquelas águas até ao dia de hoje, segundo a palavra que Eliseu havia dito." (II Reis 2:22)

E se hoje alguém for ao manancial das águas em Jericó constata-se que as águas estão saudáveis não apenas até o tempo em que o texto bíblico foi escrito, mas até hoje as águas estão lá, jorrando, saudáveis. Embora o texto de II Reis 2:19-22 seja uma narrativa histórica e não uma parábola, mesmo assim ele serve como parábola e como analogia que nos ajudam a ver, a perceber o que nós que somos sal da terra, em nome de Jesus precisamos fazer para que as fontes amargas de morte e de esterilidade das nossas cidades sejam tratadas e sejam curadas. Nós temos fontes de morte na nossa cidade? Será que percebemos mananciais de agonia, de dor, e de lágrima que estão à nossa volta? Será que interpretamos coisas que poderiam ser bênçãos extraordinárias na vida da nossa comunidade, mas que, de fato, até hoje, foram simplesmente "borbotões" de agonia, de dor, de morte e de esterilidade?

DISCERNINDO AS FONTES DE MORTE

Antes de respondermos a tais perguntas, deveríamos parar e pensar, procurando identificar e discernir no mundo no qual vivemos, tentando perceber quais são as fontes de morte que existem nele. Pensemos na nossa cidade, seja ela grande, média, pequena. Cada cidade deste planeta tem fontes de morte jorrando.

Estamos neste mundo não para ser sal no sal, mas para ser sal fora do saleiro, salgando a terra e curando suas fontes de morte, em nome de Jesus. Paremos, identifiquemos e discirnamos, fazendo uma "viagem" para dentro do mundo em que estamos inseridos, às zonas de prostituição que há nele, pelos lugares em que se pratica a feitiçaria, macumba e magia negra; às câmaras de vereadores da cidade, às assembléias legislativas do Estado; ao Congresso Nacional e ao Senado; pensemos nas fontes de morte que existem nesses lugares. Pensemos nos veículos de comunicação as rádios, as televisões, os jornais que "produzem" notícias de morte, de

desespero e de agonia; notícias nem sempre verdadeiras, mas quase sempre explicitamente mentirosas. Pensemos nas igrejas mortas e nos pastores mesquinhos. Pensemos em lideranças que não lideram coisa alguma pastores que só apascentam a si mesmos e a mais ninguém. Pensemos na incapacidade que as pessoas têm de enxergar um projeto e uma missão pelos quais possam viver e morrer. Pensemos agora na desgraça que se abate sobre as famílias: maridos esbofeteando o rosto de suas mulheres; mulheres geladas e indiferentes; filhos machucados, feridos e maltratados. Pensemos em todas essas fontes de agonia que estão espalhadas por aí. Pensemos no sistema financeiro perverso, que não só rouba, mas que ensina uma "pedagogia" de morte, continuando todo um processo de opressão, no qual os mais fortes pisam avassaladoramente os mais fracos, achatando-os como baratas no caminho. Pensemos nas favelas, nos bolsões de miséria, nos que moram debaixo de pontes e viadutos; pensemos nas crianças que têm vermes, lombrigas e solitárias maiores que seus intestinos. Pensemos nas inúmeras fontes de morte à nossa volta. Se fizemos essa "viagem", perguntemos, individualmente:

"O que, meu Deus, Tu queres que eu faça, na minha cidade, no meu Estado, no meu País, na minha rua, no meu trabalho, na minha casa, na minha igreja, na minha vida, enfim? O que Tu queres que eu seja e o que Tu queres que eu faça?"

E depois desse questionamento, façamos também um pedido, individualmente, a Deus:

"Dá-me hoje uma visão estratégica e discernimento para perceber onde estão nascendo essas fontes de morte, dando-me também coragem não para simplesmente percebê-las e identificá-las, mas, sobretudo, disposição para marchar com fé por sobre elas."

O interessante em Eliseu é que ele não espiritualiza esse enfrentamento:

"Existe morte?" ele pergunta.

"Existe." respondem.

"Onde ela nasce?"

"Ali."

"Vamos lá olhá-la cara a cara." ele desafia.

Não há abstrações na atitude de Eliseu. A batalha espiritual que quer sarar as fontes de morte da cidade não é vencida enquanto ficamos enclausurados num local de portas e janelas fechadas, com as mãos levantadas ao céu. Mas somos vitoriosos em tal batalha quando marchamos de olhos abertos, à plena luz do dia, sendo sal na fonte enferma e profetizando, em nome de Jesus. Se estamos fazendo isso, devemos nos fazer uma outra pergunta: Como é que podemos ser sal fora do saleiro na nossa cidade, trabalhando para vê-la sarada?"

JOGANDO SAL NA FONTE

Sendo direto, objetivo, específico e prático, procurarei responder a essa pergunta com três afirmações:

1ª. Precisamos crer no potencial da cidade e das pessoas.

A primeira coisa, portanto, que temos que fazer para ver a nossa cidade sarada é acreditar em que ela é "sarável". Se queremos ver as pessoas curadas, temos que acreditar em que elas são curáveis. Se queremos ver o ambiente em que vivemos transformado, temos que ter a esperança no coração de que esse ambiente é transformável. Ninguém sara o que não considera ser "sarável"; ninguém cura o que acredita ser incurável; ninguém transforma aquilo que se julga intransformável. É por esta razão que Jesus, ensinando a arte do milagre, Ele disse:

"(...) tudo é possível ao que crê." (Marcos 9:23b)

E Jesus disse mais:

"(...) Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus."
(Lucas 18:27)

Jesus disse isso porque sabia que existe milagre quando não se acredita em que o impossível é uma possibilidade ou quando não se

acredita em que tudo é possível. Se queremos ver a nossa cidade sarada, nunca digamos:

"Essa cidade maldita e pervertida está condenada! Não há jeito para ela!..."

Olhemos para a nossa cidade, dizendo, afirmando, crendo, esperando e confessando que ela é uma cidade curável. Acreditemos que a sociedade na qual estamos inseridos pode ser modificada. Confiemos, de todo o coração, em que não existe nem homem nem mulher, nem prostituta nem político, nem criança nem adolescente, nem empresário nem traficante, nem agente penitenciário nem preso, nem quem escreve nem quem lê, enfim, não existe ninguém que não possa ser "bombardeado" pelo poder do Espírito Santo em qualquer cidade deste planeta, em nome de Jesus. Todo o mundo pode ser alcançado! Não há ninguém que possa dizer ou alguém do qual se possa afirmar que está para além da chance de ser "bombardeado" pelo poder do Espírito Santo. Olhando para o texto de II Reis 2:19, vê-se os homens aproximarem de Eliseu e lhe dizerem:

"(...) Eis que é bem situada esta cidade, como vê o meu senhor, porém as águas são más, e a terra é estéril."

Observe que eles vêem o potencial da cidade: "(...) Eis que é bem situada esta cidade, como vê o meu senhor".

Em outras palavras, eles disseram:

"O único problema são as fontes de morte. Mas a cidade é boa! É bem localizada, podendo prosperar... E podemos dar um jeito nela. O problema são as fontes. Ajude-nos a sarar as fontes."

Às vezes passamos por este mundo com uma sensação de distração, de negligência, de acomodação, de resignação, a qual nos faz não nos sentirmos perturbados pelas coisas que nos cercam e que de maneira comum trazem esterilidade e morte aos nossos ambientes. Impressiona-me a acomodação de muitas pessoas em relação ao que as cerca. Quando da inauguração do Curso de Informática, na Fábrica de Esperança, uma das pessoas presentes contou uma parábola indiana que narrava a história de um determinado indivíduo que conseguiu armar a sua rede à beira de uma correnteza.

Acima desta, havia algumas casas que estavam sendo levadas pelas águas, de maneira que pessoas gritavam, vinham caindo, outras já arrastadas pela correnteza, afogando-se. Conta tal parábola que, enquanto tudo isso acontecia, aquele indivíduo dormia, ressonando profundamente em meio ao clamor angustiado dos que se afogavam. Achei essa parábola forte. A pessoa que a contou, depois de lê-la, disse o seguinte:

"O que vejo no Brasil é isso! Uma quantidade enorme de pessoas que armaram a rede e que cinicamente conseguem dormir diante do grito de desespero de milhões de pessoas."

Nós também vamos dormir toda noite com a mesma sensação de descompromisso?

Se queremos tornar efetivo tudo isso sobre o qual temos refletido, a primeira atitude que devemos tomar é acreditar em que a cidade em que vivemos não só pode ser transformada, mas também que precisa ser transformada, tendo a consciência de que somos responsáveis por sofrer essa angústia, por carregar no peito essa dor, por nutrir essa "santa" aflição, por fazer, enfim, essa pergunta profética: o que precisamos fazer para sarar as fontes da morte na nossa cidade? A nossa cidade pode ser boa. Crianças são sempre boas. às vezes, elas podem até se tornar pivetes, assaltantes. Velhos podem tornar-se amargos. Mas podem, também, ser sábios. Meninas de corpos bonitos podem tornar-se prostitutas. Mas podem ser também bailarinas que inspiram arte nos teatros. Não existe nada radicalmente mal neste mundo. Entretanto, existem coisas que se tornam más pela ação do pecado. Precisamos dizer:

"Eu vejo o potencial. Basta Jesus entrar aqui!"

Ao invés de assumirmos esse "fatalismo evangélico" que às vezes nos assola; ao invés de ficarmos torcendo contra; ao invés de apocalipticamente ficarmos dizendo que não há mais solução e cruzarmos os braços; ao invés de sucumbir ao pessimismo radical que nos imobiliza, afastando-nos do amor de Deus e da compaixão ao próximo, além de nos divorciar do senso de utilidade no mundo e na história; ao invés de sermos vítimas do "buraco negro" que engole as nossas esperanças e fé; ao invés disso tudo, devemos fazer o contrário: devemos crer que toda uma realidade caótica e conturbada pode ser transformada em bem, acreditando que, apesar do caos, da dor, da morte e da angústia que marcam negativamente o mundo em que vivemos, o nosso campo de

atuação é aqui, porque é para isso que estamos aqui, uma vez que somos o sal da terra e a luz do mundo, em nome de Jesus.

2ª. Devemos ter uma estratégia inteligente para nossa vida.

Não desperdicemos a nossa vida, não transformando a nossa existência num acontecimento inútil. Não podemos nos dar ao capricho de vivermos como animais irracionais. Somos humanos. Mais do que humanos: filhos de Deus, comprados e lavados pelo sangue de Jesus; selados com o Espírito Santo da promessa, tendo uma missão neste planeta. Alguns têm missões humanamente falando, mais importantes, mais visíveis. Mas não há nenhum ser humano sem missão, principalmente quando se sabe e a si mesmo se reconhece como filho de Deus pela fé em Jesus Cristo. Não há ninguém tão ignorante, com um Q.I. tão baixo, ou mesmo débil mental, beirando a estupidez; ou fraco que quase já não possa mais se mexer, que ainda assim não tenha uma missão. Há missão para todos. Se não pudéssemos sair de nossa cama, a nossa mente deveria encher-se de intercessão, de dia e de noite, pelo planeta. Não nos mexeríamos, mas nossa mente estaria sacudindo e abalando a Terra. Mas Deus nos deu mais do que a possibilidade de orarmos na nossa cama. Ele nos deu pernas e braços fortes, um coração firme, um corpo cheio de energia.

Podemos levantar da cama! Deu-nos mais do que força para levantarmos da cama! Deu-nos inteligência, percepção para identificar os ambientes. Deu-nos mais do que isso! Deu-nos o desafio moral e espiritual de respondermos à nossa geração. Portanto, se tendo todas essas possibilidades, restringimo-nos ficar na cama intercedendo, estamos matando a nossa missão. Se não pudéssemos levantar da cama, e se essa fosse a única e mais importante coisa que pudéssemos fazer, esta seria a nossa missão. Mas como podemos fazer mais do que isso, devemos interceder na nossa mente, enquanto andamos para as fontes da morte com prato novo na mão cheio de sal, declarando a Palavra de Deus lá nas fontes de morte. Não há ninguém que não tenha missão neste mundo.

Podemos ir para ela andando, quanto podemos ir para ela arrastados, mas temos que ir para ela. Se hoje queremos ter esse senso de estratégia e de "subversão", precisamos ter a consciência de uma estratégia inteligente para com a nossa vida. Segundo os versos 20 e 21 de II Reis 2,

depois que Eliseu toma conhecimento de quais eram os problemas da cidade, nos é dito:

"(...) Trazei-me um prato novo, e ponde nele sal. E lho trouxeram. Então saiu ele ao manancial das águas, e deitou sal nele".

Eliseu pensou:

"Eu não vou ficar jogando sal na beira do rio. Se essas águas estão doentes e se elas nascem aqui, vou jogar sal na fonte delas."

Mas, o que fazemos? Jogamos sal à beça no meio do rio. E este vai levando o sal. Não temos o tirocínio de nos perguntar onde nasce o rio.

"Quem é o dono do maior jornal do país?"

"É o doutor Fulano de Tal."

Então, porque vamos "brigar" com o jornaleiro, com o pessoal da gráfica? Ou com quem carrega o jornal? Vamos direto às fontes, jogando sal nelas.

Não nos adianta ficarmos reclamando que as leis do país são injustas. Ou nos candidatamos para escrever novas leis, ou fazemos "lobb" de Jesus entre os legisladores, começando a obrigá-los a escrever leis justas. Caso contrário, não nos adianta ficarmos reclamando nas esquinas; é o mesmo que jogar sal no meio do rio. Coloquemos sal nas fontes da morte, em nome de Jesus. Não nos adianta ficarmos dizendo que as riquezas do país são mal distribuídas, jogando panfleto em praça pública. Há apenas duas opções: ou entramos na luta para descobrir onde estão os mecanismos em função dos quais as riquezas são distribuídas no Brasil, tentando alterá-los, ou vamos nos tornar nós mesmos produtores de riquezas, dando um destino diferente a elas.

Coloquemos sal na fonte. Não nos adianta ficarmos lamentando que há meninos e meninas cheirando pó, fumando maconha nas ruas da cidade, porque tal atitude não muda nada. Visitemos os traficantes. Vamos às fontes da morte e joguemos sal sobre elas. Não nos adianta ficarmos reclamando que a polícia violenta as pessoas, nas ruas. Entremos nos quartéis. Vamos colocar sal na fonte, em nome de Jesus.

Eu e você precisamos ter uma visão estratégica quanto ao que iremos fazer das nossas próprias vidas e quanto aos recursos que o Espírito Santo colocou nas nossas mãos. Nós temos fontes de todo tipo à nossa volta: geográficas que são aquelas localidades que se transformaram

em "emanações" de espiritualidade. Havia um prédio para ser vendido no centro do Rio de Janeiro, a um preço muito barato (barato por ser no centro do Rio, porque, na verdade, era muito caro para comprar o barato) . Mas era barato em relação ao preço que ele poderia ter. Fiquei sabendo e tentei comprar o prédio, por meio de empréstimo que procuramos levantar na Europa, pagando-o durante 15 anos. Não conseguimos, até aqui. Mas se tivesse conseguido o dinheiro, eu teria comprado aquele prédio. Sabe por quê? Além de ser um prédio maravilhoso, espaçoso, dando para alocar todos os ministérios que a VINDE vem desenvolvendo, na calçada dele se deu um dos acontecimentos que entraram tragicamente para a história daquela cidade, do país e do mundo, qual seja: a matança dos menores da Candelária. E ninguém quer comprar o prédio porque ele se tornou um "prédio fantasma", tendo o seu valor de 8 milhões de dólares caído para 3 milhões. Se a VINDE oferecesse 2,5 milhões, comprava. Eu falei com a moça que me mostrava o prédio:

"Você me desculpa, eu sei que você é corretora, eu quero comprar, mas... por que está tão barato esse prédio?"

Ela olhou-me meio sem graça, diante da pergunta que eu lhe fizera, porque a pergunta que lhe fiz não era propriamente a de um comprador, mas, sim, de otário. Porque um comprador faz uma "média", dizendo que está caro demais.

Ela respondeu-me:

"É porque ninguém tem coragem, pastor. Aqui na porta, mataram aqueles meninos..."

"Eu gosto é de comprar tragédia." respondi-lhe. "Mataram 21 em Vigário Geral, e nós fomos lá comprar a casa onde se deu a chacina, dando-lhe o nome de Casa da Paz. Uma fábrica pegou fogo em Acari, um bandido matou não-sei-quantos e jogou os corpos na porta dela. Nós compramos a fábrica e a tornamos Fábrica de Esperança."

Eu lhe falei ainda:

"Vou comprar esse prédio e vou transformar essa calçada em 'Calçada da Luz'. Candelária deriva de 'candeia', que lembra luz, lâmpada, iluminação... Nós vamos pegar pedras e desenhar na calçada um grupo de crianças de mãos dadas, com uma cruz no meio delas."

É preciso termos consciência de "marketing" para colocar o sal na fonte. Certas geografias falam por si mesmas. É por isso que até na hora de morrer Jesus morreu num lugar "bom": No Calvário (lugar da caveira) . Não foi no lugar da virgem.

Imagine se disséssemos que Jesus morreu no Monte da virgem.

Não seria expressivo. Ou ainda, se dissessem que Jesus morreu no Monte do marfim! Teríamos um trabalho enorme para encontrar mensagem sobre isso! Mas Ele morreu no monte do Calvário (Lucas 15:22) , que tem cara de morte! Se a função da Cruz era matar a morte, ergueu-se a Cruz em cima da caveira, matando a morte, em nome de Jesus. Isto é por sal na fonte. Temos que aprender com Deus a pôr sal na fonte, a pôr a Cruz onde há morte. É preciso identificarmos essas geografias que emanam vida e morte, para pormos o sal nelas.

As fontes de morte nem sempre são representadas por geografias, mas por pessoas também. São aqueles que encarnam o espírito de morte, destruição, corrupção moral e espiritual típico do seu tempo, da sua geração, do seu meio.

Preguemos a Palavra de Deus para todos, não nos esquecendo deles. O evangelho tem que ser pregado a todos, a grandes e a pequenos. Mas também pensemos, procuremos discernir quem são aqueles que "dão o nó", que são o vértice das espiritualidades na nossa cidade. Sempre há um semelhante ao "gadareno" (Marcos 5:1-14) , a um "Procônsul Sérgio Paulo" (Atos 13:4-7) , a um "Elimas, o mágico" (Atos 13:8) , a uma "mulher samaritana" (João 4:7-30) , a um "Nicodemos" (João 3:1-15) , a um "Centurião de Cafarnaum" (Mateus 8:5-13) , a um "Jairo" (Marcos 5:21-24) . Além disso, nós temos de discernir não só apenas as geografias e os referenciais humanos, mas também as fontes de informação: quem cria, quem produz e quem veicula informação. É bom que se diga que informação não tem nada a ver com fatos; estes acontecem não sendo às vezes objeto daquela. Outras vezes, informações são produzidas, ainda que não correspondam a fatos. Inúmeras vezes sou abordado por jornalistas que me dizem:

"Eu estou fazendo uma matéria."

Muitas vezes, o jornalista não tem uma matéria, mas ele mesmo faz uma, não necessariamente relacionada a fatos reais, até mesmo não fazendo nenhum sentido à vida. De modo que informação e factividade

não se coadunam imprescindivelmente. A mídia tem um poder enorme para produzir o bem e para produzir o mal. Joguemos, então, o sal na fonte. Não fiquemos em casa lendo o jornal. Se não gostamos de algo que lemos, dirijamo-nos até a redação do jornal, educadamente nos posicionando. Se houver espaço, falemos de Jesus. Se, depois disso, ainda houver espaço, façamos uma oração. Se houver oportunidade, marquemos um almoço, ganhando a confiança, persuadindo e penetrando com a Palavra de Deus essas mentes. Não fiquemos em casa! Vamos às fontes! É necessário, também, discernirmos as fontes históricas, atentando perceber o momento histórico em que estamos inseridos. Numa certa reunião que tive com alguns pastores, em cuja ocasião pudemos conversar acerca do crescimento da Igreja evangélica no Brasil, e também de outras expressões igualmente ditas evangélicas, embora, apesar da nomenclatura, têm práticas ambíguas e contraditórias relativas ao que se postula, eu pude dizer o seguinte:

"Não adianta ficarmos aqui debatendo tais questões e nos debatendo uns aos outros. Isso não muda coisa alguma. Sabem por quê? Não nos deve importar quem 'explodiu'. Eu, quando fui chamado para o ministério, não recebi um chamado de Deus para fundar uma denominação. O meu chamado foi para evangelizar e para ter um ministério 'inter' e supradenominacional. Eu diria com toda convicção que quem chegar hoje com boas ou más intenções vai fundar a igreja que quiser neste país. Sabe por quê? Porque os campos estão brancos para a ceifa."

Ninguém pode mudar os tempos ou as horas. Quando o tempo da ceifa chega ou ceifamos, ou o vento vai espalhar as sementes, não sendo recolhidas aos celeiros, mas cairão de maduras e ninguém vai lucrar com isso. O que vemos no nosso país é isso: os campos brancos para a ceifa. E quem está indo com boas ou más intenções está colhendo. E colhendo mesmo! Não nos adianta ficarmos cheios de moralismos e com uma ética exacerbada, sofrendo em casa, ao ler os jornais que trazem notícias estapafúrdias, e vendo na televisão novelas que denigrem a imagem do evangelho! Isso não adianta nada! Nem mandar carta para redações de jornais, nem para emissoras de televisão! O que adianta é irmos à luta nos campos, que estão brancos para a ceifa, começando a colher diligentemente o fruto, que já está maduro, mostrando, em nome de Jesus, uma outra referência de como tais frutos devem ser colhidos e reunidos no celeiro, não para comê-los, mas para a glória de Deus. Nesse momento

de hoje tanto faz ser profeta como falso profeta; ser homem de Deus ou ser enganador. Quem chegar e sacudir vai colher, porque os frutos estão maduros para a colheita.

3ª. Temos que saber que o poder do sal só se efetiva mediante a Palavra.

Eliseu pega o prato novo contendo o sal, vai à fonte, joga o sal nela. Ele não volta para a casa, mas diz:

"(...) Assim diz o Senhor: Tornei saudáveis a estas águas; já não procederá daí morte nem esterilidade." (II Reis 2:21b)

Nestas palavras de Eliseu, temos uma equação com dois elementos que redundam em cura. O primeiro elemento é o sal, significando a presença, identidade: "Vós sois o sal da terra". (Mateus 5:13a)

Tal afirmação tem a ver com o ser, com o conteúdo, com qualidade, com valores existenciais e éticos; relacionando-se com algo que existe, que é.

"Vós sois o sal da terra".

O segundo elemento é a Palavra. De um lado se tem uma presença genuína: o sal; de outro lado, um testemunho explícito a Palavra. Há pessoas que têm Palavra, mas não têm sal. Outras têm sal, mas não têm Palavra. Essa dicotomia é real: pessoas honestas, boas, justas, mas que não pregam; pessoas de mau-caráter, salafrárias, desonestas, mas que pregam. Conclusão: os que pregam sem o sal reúnem muitos, mas não curam nada. E os que apenas levam o sal, mas não pregam, impressionam muito, mas não salvam ninguém.

Precisamos ter sal e Palavra; precisamos ter presença e testemunho; precisamos ter consciência do que é e da mensagem que afirma a salvação que vem de Jesus. Joguemos o sal e declaremos a Palavra, em nome de Jesus. Ser sal sem Palavra é um projeto impressionante, mas que não salva. A pregação sem o sal é impactante, mas não transforma.

Joguemos o sal e falemos a Palavra da vida sobre as fontes da morte, e elas serão curadas em nome de Jesus. Podemos fazer coisas crescerem sem Deus e sem Sua Palavra, podendo, ainda, termos influência sem Deus e sem Sua Palavra, mas só podemos curar e ver a cura acontecer se Palavra e a presença genuína de Jesus andarem juntas. É importante, que, ao terminarmos de ler este Capítulo, sintamo-nos encorajados a nos dirigir às fontes de morte que nos cercam, as quais podem estar na nossa casa, na nossa rua, nos nossos relacionamentos familiares, no nosso trabalho, na nossa igreja. Joguemos o sal nesses mananciais de morte, falemos a Palavra. Transformemo-nos em conspiradores de Deus, estrategistas para jogar o jogo missionário. O diabo tem jogado contra a vida humana. Nós, agora, vamos jogar contra ele.

* * *

Esta obra foi digitalizada com base na legislação abaixo, para uso exclusivo de deficientes visuais. Distribuição gratuita.

Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sobre "Direitos autorais. Alteração, atualização e consolidação da legislação".

TÍTULO III - Dos direitos do autor.

Capítulo IV - Das limitações aos direitos autorais.

Art. 46 - Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I - A reprodução:

d) De obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema BRAILLE ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários;

* * *